

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Matrix e o medo da previsibilidade
- O autoconhecimento e a busca pelo sentido da vida.

Carlos Daniel Silva

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

2007

i

© by Carlos Daniel Silva, 2007.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Silva, Carlos Daniel.
Si38m "Matrix" e o medo da previsibilidade / Carlos Daniel Silva. -- Campinas,
SP: [s.n.], 2007.

Orientador : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Autoconhecimento. 2. Livre arbítrio e determinismo. 3. Possibilidade. I.
Miranda, Carlos Albuquerque. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

07-033/BFE

Título em inglês: "Matrix and e the fear of the previsibility

Keywords: Self-knowledge; Free will and determinism; Possibility

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda (Orientador)

Prof. Dr. João Francisco Regis de Moraes

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Prof. Dr. Álvaro José Pereira Braga

Data da defesa: 27/02/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : cedesilva@ig.com.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao PAI, pois somente por Ele tudo se faz possível.

Agradeço também aos meus pais humanos, que me conceberam com muito amor e carinho, Mamãe Sã e Papai Caco.

Agradeço aos meus irmãos consangüíneos, que me mostraram como é importante ter e fazer parte de uma família: Preta, Bé (em especial), Pitu e Safadi; aos meus queridos sobrinhos Gui e Victor Hugo.

Agradeço aos meus irmãos do coração: Lau, Juju, Beto, Ilsu e Nandinho, pois graças a eles pudemos perceber juntos como a vida é bela.

Agradeço aos meus parentes, que ao longo desta vida sempre estiveram presentes, de um jeito ou de outro: Tio Neto, Tio Chininho, Tio Cassinho (querido padrinho *in memoriun*), Tio Clemente, Tio Pilingrino, (*in memoriun*), Tio Hélio, Tio Lhiçio, Tio Zé, Tio Diti; (Tias Lucinda, Tia Luzia (querida madrinha *in memoriun*), Tia Natasha, Tia Maria, Tia Juju, Tia Catarina, Tia Nanéia, Tia Luíza, Tia Teresa; aos meus avós maternos, Vô Joaquim, Vó Maria (*in memoriun*), avós paternos Vô João, e Vó Chiquinha (*in memoriun*). A todos os meus inúmeros primos e primas, que sempre foram mais do que familiares, foram amigos.

Agradeço aos “notáveis” da minha trajetória: Nícia Vilon e Maria Clara (amigas e professoras), Roberto Tereziano, aos meus caros Irmãos da Sociedade Teosófica, Jarbas e Neuza, Zezinho e Graça, Osvaldo e Valdelize, Renato e Maria Inês. Ao Seu Luis (*in memoriun*), Irmã Assunção (Vovózinha, *in memoriun*), Irmã Terezinha (*in memoriun*), Irmão Cirineu, Ivo, Rodolfo, Paulo, os irmãos: Donizete e Roberto, Césare, Jordi, Seu Benedito, Rita, Ângela, Cínthia, Lúcio Packter, Marco Antônio (grande Marco), Marisa, e a todos os Irmãos do Grupo GAAC (Grupo de Apometria Amor e Caridade).

Agradeço também à família Bien Hoo, especialmente aos Lao Tzu(s) Vladimir e Charles.

Agradeço também aos “trabalhadores de última hora”: Álvaro e Renata, pelas leituras deste material e pelas sugestões.

Agradeço a todos os Professores do Laboratório Olho que, por seu trabalho, mostraram na prática como é possível ser um profissional com qualidade sem deixar de ser humano: Milton, Cristina, Vences e Adilson.

Agradeço muito à Professora Maria Carolina por seu carinho e por mostrar, como ninguém, que o magistério é uma paixão.

Agradeço imensamente aos queridos Professores que compõem a banca: Regis (grande Regis), Adilson, Cristina e Álvaro.

Agradecimento Especial ao meu orientador Carlos Miranda, que, com sua perseverança e dedicação, me mostrou que quando acreditamos em nós mesmos tudo o que planejamos acontece, inclusive este trabalho.

Agradecimento especial também à Elaine por acreditar em mim e por me apoiar em tudo o que estou realizando.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	p. iii
Poesia	p. 3
Resumo	p. 1
Introdução	p.5
Capítulo 1: Nos primeiros passos do caminho.....	p. 13
Capítulo 2: O livre arbítrio.....	p. 21
Capítulo 3: Mergulho no filme “Matrix”	p. 31
Capítulo 4: A prova da fé.....	p. 41
Capítulo 5: O amor como fonte de transformação.....	p. 55
Referências Bibliográficas	p. 69
Anexo 1	p. 73
Anexo 2	p. 77
Anexo 3	p. 81
Anexo 4	p. 85

RESUMO

A abordagem filosófica apresentada neste trabalho caminha na direção do autoconhecimento. Para a sua realização utilizamos o filme “Matrix” que nos respalda para refletir sobre a previsibilidade, insatisfação e vaticínio. A análise profunda destes conceitos nos permite perceber que não somos vítimas de nenhuma situação, ao contrário, somos agentes. E como agentes, somos responsáveis por nós e pelo nosso entorno. A *trajetória do herói* no filme nos faz refletir sobre nossa própria condição humana e, a partir de tal reflexão, despertar para o fato de que está na hora de assumirmos a responsabilidade por nossa própria existência, caso contrário nos tornaremos escravos de nossas próprias injunções.

O medo e a insegurança são fatores que nos fazem titubear, porém, quando fizermos uso prático e consciente do livre-arbítrio, por amor a nós mesmos, amor aos semelhantes e amor à Divindade, nossas vidas terão boas chances de se tornarem plenas. O primeiro passo para quem quer trilhar o caminho do autoconhecimento se dá a partir de uma nova relação consigo mesmo, por intermédio dos próprios pensamentos, veiculados pelo uso da palavra, culminando em ações conscientes.

ABSTRACT

The philosophical approach taken in this work is directed to self-knowledge. We used the film “Matrix” to help us reflect on prevision, dissatisfaction and predictability. The thorough analysis of these concepts allows us to perceive that we are not victims of situations, but, to the contrary, we are agents. And as agents we are responsible for ourselves and our surroundings. The trajectory of the hero in the film makes us reflect on our proper human condition and wake up to the fact that it is time to assume responsibility for our proper existence. If we do not, we will become slaves of our own proper admonitions.

Fear and insecurity are factors that make us vacillate; however, when we make use of free will in a practical and conscious manner for love of ourselves, our fellow creatures and the Divinity, our lives will have better chances of becoming fulfilled. The first step for one who wants to travel on the road of self-knowledge is to begin a new relationship with oneself through one’s own thoughts arising from words and culminating in conscious actions.

FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA DE VIDA

Quando fui criança, atentava-me ao meu redor:

Buscava entender as pessoas

Buscava me entender

Procurava captar o sentido

Do que estava ao meu redor.

O tempo foi passando...

Adolescente me tornei.

Buscava entender as pessoas

Buscava me entender

Procurava captar o sentido

Do que estava ao meu redor.

Como o “tempo não pára”

Adulto sou.

Continuo a buscar entender as pessoas

Continuo a buscar me entender

Continuo a procurar captar o sentido

Do que está ao meu redor.

Entendo que:

O autoconhecimento não tem fim.

(Carlos Daniel Silva)

INTRODUÇÃO

A presente abordagem é feita a partir de reflexões sobre o cinema, pois entendo o cinema como um grande meio de comunicação e de educação que avança fronteiras geográficas, econômicas, políticas, e também porque esta forma de expressão artística exige novos esforços na assimilação de certos conhecimentos que são abordados e apresentados, diferindo-a, assim, dos livros.

Por outro lado, quem tem o objetivo de fazer do cinema uma fonte de conhecimento tem que estar consciente de que este veículo fornece informações simbólicas que exigem uma complementação para que seu conteúdo seja revelado; o mesmo acontecendo com os livros, a partir de uma leitura mais profunda, bem como com outros meios de comunicação: rádio, televisão, Internet, jornais, revistas, etc.

A abordagem do termo previsibilidade assume, neste trabalho, o sentido comum de algo previsto; e quando se fala do medo em relação a isso, podemos pensar que este medo se relaciona ao fato de estarmos diante das situações corriqueiras do dia-a-dia, não podendo fazer nada para modificá-las, tendo que aceitar passivamente o previsível, e essa previsibilidade causa insatisfação. Sabendo também que a aceitação é um direito do ser.

Outro aspecto do medo trabalhado neste contexto é o medo relacionado com a previsão do Oráculo que vaticina que Neo é o Escolhido, o que causa pavor em Neo, pois, de acordo com sua maneira de pensar, ele é o senhor de sua própria vida colocando-se acima de qualquer tipo de determinismo.

Este trabalho não tem a pretensão de ser um guia, manual ou algo do gênero, mas, tão somente, o relato de experiências vividas e de reflexões sobre estas experiências. Tem apenas uma pretensão - a de realizar elucubrações a partir do filme: “Matrix” (1999), complementadas com outros filmes como: “Feitiço do Tempo” (1993); “Efeito Borboleta” (2003); “Quem Somos Nós” (2004); “V de vingança” (2006); e “Final Fantasy” (2001).

A escolha do filme “Matrix” para nortear este trabalho se deu pela abordagem da máxima: “conhece-te a ti mesmo”, e pelas possibilidades que ela engloba, as quais relacionamos ao autoconhecimento.

Thomas A. Anderson (Neo), protagonista do filme, é uma pessoa comum que busca sentido para sua existência e não o encontra no seu dia-a-dia; sua trajetória apresentada no filme

tem muito a ver com a minha própria, e pode ter muito a ver com a de qualquer pessoa, dependendo da forma com que se vê e como se vive a própria vida.

Assim, se realmente queremos mudanças em nossas vidas, se faz necessário trilhar algum tipo de caminho que contribua de alguma forma para promover as modificações almejadas. Independente de qual seja a escolha, é sabido que isso não é algo simples, tranquilo e fácil; porém, é o que se faz necessário para nos aproximar cada vez mais de nós mesmos e de todo o nosso potencial de mudanças para uma vida melhor e mais harmônica conosco próprios, acrescentando-se um detalhe fundamental, somente com o amor-próprio e amor pela vida poderemos fazer algo por nós e para nós.

A elaboração deste material tem a ver com a minha trajetória pessoal nos diversos caminhos por mim trilhados: espiritual, pessoal, profissional e também no contato com as pessoas que são os “notáveis” de toda jornada; tudo isso corroborou para que pudesse adquirir uma outra visão sobre tudo o que está à minha volta, principalmente porque esta jornada nos remete à questão sobre o sentido de nossa vida.

Independente do que esperamos, podemos pensar o que a vida espera de nós, de acordo com o pensamento de Frankl (1987), lembrando que: quem não decifrar o enigma da Esfinge¹, é “devorado” por sua amedrontadora figura, ou seja, a partir de ações e de uma conduta adequada, poderemos promover mudanças em nossas próprias vidas, para nos “livrarmos” do terror da Esfinge.

Quando, ao buscar efetivamente o sentido da vida, imagina-se alcançar calma constante, diferentemente do que se pensa, o que se tem é justamente o contrário; é como estar num mar revolto. Vale lembrar que as tempestades não são eternas. E, de acordo com Nietzsche, citado por Frankl (1987) “Quem tem porque viver suporta quase todo como”.

O “sentido da vida” sempre se modifica de acordo com os momentos existenciais, porém, “jamais deixa de existir” (FRANKL, 1987: p 127). É exatamente isso que pensamos sobre a vida que se nos apresenta, bem como sobre o dia-a-dia, porque pensamos que viver tem que ter um sentido, e este sentido é o que nos faz lutar para se conseguir um resultado; quando conseguimos este resultado, travamos outras batalhas e conseguimos outras vitórias e assim descobrimos o sentido das nossas próprias lutas.

¹ Édipo Rei. Ésquilo.

Compartilho agora com os caros leitores uma experiência muito importante que vivenciei e que está totalmente ligada ao que denomino neste trabalho de autoconhecimento.

O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA²

Estava em Barcelona e tinha dez dias livres antes de voltar ao Brasil. Pensei: de que maneira posso aproveitar esses dias? Então, tive a idéia de percorrer o Caminho de Santiago. Como o tempo era pouco para fazer o caminho inteiro a pé, resolvi fazê-lo como fosse possível: um pouco a pé, outro pouco de carona e/ou ônibus. Ao tomar a decisão, não fazia a mínima idéia de como seria esta jornada, de onde partiria, ou o que significaria para mim.

Após algumas conversas com habitantes locais para saber que rumo pegar, aliviei o excesso de peso da mochila, - teria isso algum significado simbólico? Podemos pensar que, ao nascer, não possuímos nada e, com o passar dos anos, vamos adquirindo “coisas” e também conhecimentos que acabam sendo incorporados às nossas vidas. Então, ao longo da vida ser faz necessário trocar as “mochilas” por outras cada vez maiores e, conseqüentemente, elas vão ficando cada vez mais pesadas. Sem nos darmos conta, estaremos transportando muito mais do que realmente necessitamos. Então, quando falo sobre aliviar o peso da mochila, é algo mais do que deixar objetos materiais, penso que isso se aplica também ao que adquirimos e jogamos para dentro de nós. Os bens materiais são os meios de expressão com os quais convivemos e dos quais podemos fazer bom uso, mas é devido ao apego a tudo isso que a “mochila vai ficando cada vez mais pesada”. Com o conhecimento espiritual podemos perceber que as coisas materiais são apenas meios e não fins e, com barraca, saco de dormir e mapa, caminhei até a estrada em uma das inúmeras direções que levam até a cidade de Santiago de Compostela.

Na estrada, com pouco tempo de caminhada consegui uma carona que me levou apenas algumas dezenas de quilômetros à frente. Eu e o motorista conversamos bastante e falamos sobre a importância de seguir aquilo em que se acredita, do que é importante para nós mesmos, e de sempre se seguir a direção escolhida, desde que a escolha seja coerente e consciente.

O motorista com seu entusiasmo contagiante e respeito pelo “Caminho”, incentivou-me mais ainda a seguir em frente e ir até o final da minha saga.

Após o encontro com este “notável”³ – Jordi - continuei caminhando e, como estava anoitecendo, busquei, na estrada, um local apropriado para montar acampamento. Durante a noite tive uns sonhos muito simbólicos que falavam sobre a importância de caminhar na direção

² No ano de 1997 realizei uma viagem à Europa para estudos de línguas estrangeiras e também para o conhecimento de outras culturas.

³ Encontro com homens notáveis. Gurdjieff.

daquilo em que acreditamos, pois quando temos uma direção e um propósito, ou seja, um objetivo, ocorre uma conspiração cósmica⁴ para que tudo aconteça favoravelmente.

Amanheceu, tomei café da manhã, desmontei acampamento e segui viagem “de mala e cuia”. A variação climática era intrigante, pois durante a caminhada aconteciam as quatro estações, era um “mistério”. Caminhando, sentia como era bom o exercício, mas a todo o momento me dava conta de que estava absolutamente só; e assim percebia como é importante estar bem, ter clareza de propósito e estar fortalecido internamente para realizar esta empreitada.

Questionei-me, e muito, sobre o que significa estar só. E percebi que não é apenas abdicar da companhia de outras pessoas, mas estarmos apenas em nossa própria companhia, escutando e, principalmente, agindo a partir de nossos próprios pensamentos, experiências, e com um propósito claro daquilo que se quer.

Numa situação como essa, de estar só, caminhando, com peso nas costas e sujeito às variações climáticas, é muito fácil sopesar toda a situação e pensar em desistir; principalmente porque as dificuldades são inúmeras: o peso da mochila, o cansaço físico, o sol, a fome, a solidão; sentia, de uma maneira muito clara, que este não era um desafio qualquer. Então, facilitada pelo caminho, a voz interior manifestou-se, incentivando-me a seguir adiante e não desistir, pois muita coisa me aguardava ainda.

Vendo esta situação de uma outra forma, como um desafio, a percepção se torna diferente e um novo rumo se apresenta, é como se a visualização de uma nova jornada se descortinasse, como “a jornada do herói”⁵ se manifestando. E nesta jornada o único beneficiado é o empreendedor.

A trajetória toda é cheia de “obstáculos” que continuamente nos colocam em “xeque” para nos testar e saber se é exatamente isso o que queremos; dava para perceber nitidamente que essa situação se assemelhava muito com o meu dia-a-dia, enfim, com a própria vida.

Segui viagem caminhando muito, pegando caronas e dormindo na beira da estrada. À noite era presenteado com um firmamento totalmente diferente daquele que observamos no Brasil, e com muitos sonhos ricos e simbólicos, que continham um significado especial para mim que, naquele momento, estava no “caminho”.

⁴ Denomino aqui Conspiração Cósmica, tudo o que possa nos acontecer e que, de uma forma ou de outra, corrobore para que “ventos” favoráveis contribuam nas mudanças em nossas vidas.

⁵ O poder do mito. Joseph Campbell, 1992.

Um esclarecimento se faz necessário, existem rotas que levam os peregrinos por entre estradas de terra com paisagens paradisíacas, porém a rota escolhida por mim estava relacionada ao pouco tempo de que dispunha - é o caminho comum de carros e caminhões, o que não deixou de ser especial também.

Uma peculiaridade desta jornada é que nas estradas da Europa é comum ter postos de gasolina com boas lanchonetes e equipadas com banheiros e duchas, então fazia uso desta facilidade em todos os sentidos, aproveitando, também para comprar meus víveres; graças a esta facilidade é que a viagem se tornou mais tranqüila.

Após uma semana de viagem a pé e de carona, conhecendo muitas pessoas interessantes e “notáveis”, consegui vencer os 400 km que me separavam de Santiago de Compostela. Ao chegar, estava num local alto que me permitia visualizar a cidade, o que me causou estranhamento, já era uma cidade relativamente nova. Parei, então, num local para pedir informação e perguntei se aquilo que eu estava vendo era mesmo a cidade de Santiago de Compostela, então, para o meu alívio, aquela era a parte nova da cidade, a parte antiga e tradicional ficava no centro, junto com o Albergue dos peregrinos, as igrejas, casas e muitas outras obras arquitetônicas fantásticas.

Fui, então, ao Albergue me registrar e deixar a “mochila descansar“, para então sair e comer alguma coisa, principalmente porque ainda estava em jejum e o dia já estava acabando. Uma curiosidade é que o albergue dos peregrinos parecia-se muito com um alojamento de quartel, só que com um detalhe que o diferenciava - era misto.

Tomei um banho, me instalei devidamente, saí para comer, conversei com alguns peregrinos, e descobri que, no dia seguinte, ao meio dia, aconteceria a missa dos peregrinos; voltei para o albergue e fui dormir.

Amanheceu, tomei café da manhã e fui caminhar na cidade “antiga” até dar o horário da missa. A igreja de Santiago é linda, grande e muito alta, e dizem também que ela é cercada de alguns mistérios, pois, segundo a lenda, os despojos do Apóstolo Tiago estão lá; é difícil saber se isso é verdade ou se faz parte de uma lenda antiga. O fato é que na igreja há muita coisa diferente como: esculturas de santos, umas passagens por trás do altar e uma coisa muito incrível - o “botafumero” que é um incensário muito grande e que fica dependurado no teto da igreja por uma corda bem grossa, para ser aceso no início da missa, então, para espalhar a fumaça que se desprende dele, o mesmo é movimentado por homens que o fazem ir para frente e para trás, neste

movimento o barulho que ouvi foi algo totalmente ímpar. O cheiro que sai do “Botafumero” é totalmente exótico. É algo indescritível, as palavras tornam-se imprecisas para qualquer tentativa de descrição do “espetáculo” que merece ser visto ao vivo e a cores.

A cidade é muito antiga e repleta de prédios maravilhosos, é um deslumbre arquitetônico. Mas, o que é mais incrível mesmo são as pessoas que percorreram o “Caminho” e os relatos de suas experiências. Geralmente são jovens que estão em busca de se encontrarem, de descobrirem seu verdadeiro caminho, que é algo interno é aquilo que é importante para si mesmos.

Diante de tantos relatos de “jornadas de heróis”, os peregrinos com quem conversei e com quem convivemos por alguns dias foram: André, de São Paulo; Anchi, da Alemanha; Jean, da Bélgica; Marilin, dos Estados Unidos, e muitos outros com quem compartilhamos o mesmo alojamento. Podemos pensar que muitos se encontram e passam a ter clareza do rumo que irão dar às suas vidas. Se isso é proporcionado pelo caminho não posso afirmar, porém o que me cabe dizer é que a experiência é única no que diz respeito à interiorização, a ouvir e deixar a voz interior se manifestar.

O Caminho de Santiago também é conhecido como o caminho da fé. Acredito que essa fé se relacione principalmente com a fé em si mesmo, uma demonstração clara de que o que queremos e planejamos com determinação se torna realidade.

CAPÍTULO 1 - NOS PRIMEIROS PASSOS DO CAMINHO

Começo este capítulo citando as reflexões de um amigo muito especial, e que nos fala da importância de ter-se o sagrado como referência para um viver harmônico e pleno. Não estamos aqui para fazer apologia de nenhuma religião específica, mas para salientar a relevância de algum tipo de comunhão com algo maior: Deus, Divindade, Energia Superior, O Supremo; o nome não é o fundamental, porém penso que fundamental seja a conexão que estabelecemos com o sagrado no qual acreditamos:

Há pessoas que sacralizam a ciência, o progresso, a história, ou mesmo os imperativos da justiça e do respeito. Ídolos podem, ainda que temporariamente, funcionar como supedâneos do sagrado. Isto porque o sagrado não é um elemento que pode existir ou não no mundo humano. Ele é um fundamento vital. Quero dizer, ele é a seiva mesma que alimenta o sentido da vida (MORAIS, 1997, p.37-38).

Podemos não ter conhecimento das manifestações do Sagrado em nossa existência, mas isso não quer dizer que elas não estejam presentes e aconteçam de uma forma ou de outra. Existem muitos conhecimentos antigos cuja origem se perdeu no tempo, mas cuja eficácia ainda se faz presente.

Em muitas tradições antigas temos a divisão por períodos de sete anos chamados de setênios, dentro do qual biologicamente ocorre também uma transformação celular, que, de uma forma ou de outra, corroboram igualmente para mudanças na vida, no comportamento e no amadurecimento pessoal de cada um. “Sólon, o legislador de Atenas, e Hipócrates, chamado o Pai da medicina, também dividiam a vida em períodos de sete anos” (WESTCOTT, 1987, p. 89). A partir desta pequena introdução, e de experiências pessoais, destaco a relevância da divisão por setênios e a forma como a vivenciei profundamente na minha vida.

Meu primeiro setênio foi comum e muito simples, morava numa casa pequena com meus pais e quatro irmãos, não era uma vida ideal, mas muito real. E nesta vida, em pleno regime militar, o Exército estava presente nas ruas de São Paulo causando uma impressão assustadora, principalmente porque eu era pequeno e os tanques e soldados pareciam gigantes. Mas, eu não tinha a menor idéia do que aquilo significava: os tanques de guerra e os militares nas ruas; porque meu universo infantil se resumia em: brincar, comer, beber, dormir e, em situações específicas (quando minha mãe ia ao centro da cidade), cuidava da minha irmã mais nova.

Uma lembrança muito forte deste período é de que eu adorava assistir a desenhos e filmes pela televisão. Um dos meus filmes prediletos era um seriado dominical intitulado Kung-Fu⁶, que passava às 6:00h da manhã; neste seriado era apresentada a história de Kuai Chang Caine, que era um Monge Zen Budista, e as lições aprendidas no Templo, que se relacionavam ao autoconhecimento. Adorava assistir também aos filmes de Charles Chaplin, Ultra-man, Ultra-seven, desenhos do Pernalonga, Pica-pau, Pantera cor de Rosa, Mister Magôo, etc.

Ao citar os setênios, faço-o apenas para mostrar o início das mudanças em minha própria vida e não para relatar minha biografia a partir deles. Ao completar quatorze anos não me identificava mais com o que se apresentava no meio em que vivia, com as ações dos garotos da minha idade: jogar bola, beber, fumar, ou usar algum tipo de alucinógeno, que eram práticas comuns para muitos deles. Neste contexto, não conseguia ver sentido no cotidiano; então, comecei a procurar algo que fizesse sentido para mim. Busquei informações e comecei a praticar Yoga e, por intermédio da professora, comecei a freqüentar um grupo de estudos de *Teosofia*⁷ onde busquei iniciar investigações mais profundas sobre o que, para mim, seria o sentido da vida. Neste período já estavam presentes em minha vida alguns “notáveis”, que eram meus “irmãos” do coração, garotos da mesma idade que eu, com quem compartilhava de ideais comuns; éramos vizinhos também.

Nesta jornada investigativa, desenvolvi o gosto pelo cinema. Minha primeira experiência aconteceu alguns anos antes, por intermédio do meu pai, que nos levou (eu e meus irmãos consangüíneos) para diante da “tela de espetáculos”. E na tela ocorreram duas coisas: magia, devido às inúmeras possibilidades em se realizar as filmagens e que muitas vezes estão mais próximas do onírico do que daquilo a que estamos acostumados; e encantamento, porque muito do que se passa na tela é o que gostaríamos de realizar ou ver em nossas próprias vidas. Para Tarkoviski: “a poesia e a prosa valem-se de palavras, ao passo que um filme nasce da observação direta da vida” (TARKOVISKI, 1998, p. 77).

Nesta atitude de observação percebi como fora rica tal experiência, e que, na verdade, o que acontecia era um grande diálogo entre mim, como espectador, o diretor e toda equipe de produção, já que as imagens sempre me causavam grande fascínio, pois se relacionavam diretamente com minha própria vida.

⁶ Produção da Warner Bross, levado ao ar ano de 1972, e reeditado em DVD em 2005.

⁷ “Conjunto de doutrinas filosófico-religiosas que tem por objetivo a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até a iluminação” (Larousse: 1999, p. 865).

Ainda com Tarkoviski, só se “admite um cinema que esteja o mais próximo possível da vida – ainda que, em certos momentos, sejamos incapazes de ver o quanto a vida é realmente bela” (TARKOVISKI, 1998, p. 20). Comecei a ver a beleza da vida com as experiências estéticas vivenciadas em muitos filmes assistidos neste período de encantamento pelo cinema, filmes como: "O Fio da Navalha" (1982), "Guerra nas Estrelas" (1977), "Blade Runner" (1982), entre tantos outros.

Quando as imagens adentram em nós pela visão, elas instigam o movimento dos pensamentos e estes se organizam a partir das experiências vividas, ganhando sentido. Este movimento pode ocorrer dentro do ser, desde que haja ressonância interna, principalmente para quem quer “uma vida melhor do que uma vida qualquer” (AGOSTINHO, 2001, p. 45). Era assim que eu sentia que os filmes agiam em mim, porque eu estava em busca de uma vida melhor, não queria mais uma vida qualquer.

Quando falamos do cinema podemos dialogar com Walter Benjamin, citado por Gagnebin (1984), que nos mostra que “o sentido literal não é o sentido verdadeiro” porque é possível perceber que diante de produções cinematográficas sempre poderão estar presentes múltiplos significados para aquilo que se apresenta diante dos nossos olhos, algo relacionado com a linguagem alegórica. E que todas as vezes que estamos diante de um filme, podemos divagar e, nessa divagação, é possível apreender um outro significado para o que se apresenta e, de alguma forma, trazer este aprendizado para a própria vida.

Diante de uma sala de projeção temos os nossos olhos que também podem tudo ver e, a partir deste olhar, olhar para si próprio e “ver” no diálogo oferecido pelo diretor e por toda a equipe de produção do filme, o que podemos assimilar e incorporar em nossas vidas com o intuito de promover o aperfeiçoamento ou o autoconhecimento porque, muitas vezes, a análise de problemáticas abordadas em filmes é de caráter ético e universal, e sua validade se estende além de fronteiras geográficas e idiomáticas sendo, portanto, válida para todas as pessoas que aspiram a se conhecerem melhor, até mesmo na sua mais profunda essência.

Quando leio algo, não preciso lembrar das estruturas básicas do idioma como: conhecimento das vogais, consoantes, a união das letras e a formação das sílabas e das palavras, etc; porque isso já faz parte de um conhecimento adquirido e conquistado. Penso nisso sobre o cinema; não é necessário ter conhecimento sobre plano de ação, enquadramento, música, edição, etc., para compreender um filme e captar a “mensagem” do mesmo; é necessário um movimento

diferente, um movimento de querer ver o filme de uma outra maneira, procurando um outro significado para aquilo que se apresenta aos nossos olhos. Por outro lado, nos filmes de arte esta reflexão é subjacente, pois o “objetivo da arte é preparar uma pessoa para a morte, arar e cultivar sua alma, tornando-a capaz de voltar-se para o bem” (TARKOVISKI, 1998, p. 49), ou seja, a intenção se faz presente na produção de um filme deste gênero. Isso se faz claro através de todo um conjunto de elementos: fotografia, imagens, problemática abordada, entre outros.

Assim sendo, é possível olhar o cinema como arte. E como toda arte, seu “objetivo é explicar ao próprio artista, e aos que o cercam, para que vive o homem e qual o significado da sua existência. Explicar às pessoas a que se deve sua aparição neste planeta ou, se não for possível explicar, ao menos propor a questão”. (TARKOVISKI, 1998, p. 38). Porque, enquanto não tivermos clareza do nosso propósito existencial, ficaremos como alguém que cai e fica preso num buraco sem perspectiva de resgate.

Analisando o cinema como arte, vemos que a arte relaciona-se com a idéia de conhecimento, não no sentido de ocupar espaço em certas áreas cerebrais, mas no sentido de contribuir de alguma forma na trajetória do autoconhecimento, porque “a arte em um dos seus aspectos tem a capacidade, através do impacto e da catarse, de tornar a alma humana receptiva ao bem” (TARKOVISKI, 1998, p.55). A catarse de que nos fala Tarkoviski é algo relacionado a certas experiências estéticas de que podemos desfrutar diante de certas obras de arte cujo significado ocorre diretamente na alma e, por não podermos verbalizá-lo, nos afetam profundamente como uma manifestação do sagrado.

Desta forma, diante de um filme vejo cenas que dizem respeito à minha história pessoal, e à maneira como o personagem as resolveu pode, de alguma forma, contribuir para eu poder aglutinar elementos de comparação e, oportunamente, resolver situações do meu dia-a-dia, aquilo que me diz respeito. Podemos pensar que tudo isso contribui, de alguma maneira, para fornecer elementos de análise pessoal, que passam pela questão do autoconhecimento.

Pode-se então afirmar que, no caso do homem espiritualmente receptivo, existe uma relação entre o impacto produzido pela obra de arte e o impacto de uma experiência puramente religiosa, uma vez que a arte atua sobretudo na alma, moldando sua estrutura espiritual (Tarkoviski, 1998), porque ela passa a ser uma referência para se agir de uma outra maneira na vida, tendo-se consciência dos seus próprios atos, e agindo-se como senhor de suas ações.

Diante do cinema, usarei da imaginação para alcançar total compreensão dos filmes apresentados acima. E de acordo com Vygotsky, “a imaginação é um processo psicológico que representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação” (VYGOTSKY, 19981, p.122). A mente humana é um grande “receptáculo” de informações e impressões principalmente porque:

somos bombardeados por grandes quantidades de informação, que quando entram no nosso corpo são processadas pelos órgãos sensoriais, e a cada passo partes das informações vão sendo descartadas. O que finalmente chega na consciência é o que serve para a pessoa. Significa que a realidade está acontecendo a todo o momento no cérebro, mas nós não a absorvemos (QUEM SOMOS NÓS, 2004, p. 3).

Para que tudo isso se efetive em ação, todo esse processamento de informação, a vontade tem que se manifestar numa escolha, com o exercício do livre arbítrio e “quando alguém faz uma boa escolha é preciso que o objeto desejado, uma vez obtido, torne melhor aquele que optou por ele” (AGOSTINHO, 2001, p.174). Livre-arbítrio aqui significa fazer uso das opções que temos e que se apresentam no nosso dia-a-dia.

Ainda citando Santo Agostinho, “não haveria prejuízo algum para um navegante que se dirigisse para Roma, se viesse a esquecer de que Porto desatracou. Contanto que não ignorasse para onde deva dirigir a proa de sua embarcação, a partir de onde se encontra presentemente”, (AGOSTINHO, 2001, p. 222). Esta frase ilustra e dá continuidade ao raciocínio do Bispo de Hipona, pois, quando se tem clareza de que podemos ter um caminho para seguir, o caminho surge no ato de caminhar. Neste movimento de criação, todas as imagens que chegam até nós têm sentido, porém quem não dá atenção às imagens, pode ser que não saiba interpretar o que tem ao seu alcance - uma imensidão de informações ricas em possibilidades. Interpretar e compreender implica em tomar posição e até decidir o que fazer.

Às vezes, quando vêm imagens em nossas mentes a partir de algo já vivido, é comum não recordarmos os diálogos. Vejo, porém, que estas imagens funcionam como mandalas que simbolicamente significam: círculo, uma representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo, ou seja, é algo contínuo. Podemos pensar que constitui toda idéia daquilo que foi experienciado. Assim, não são apenas imagens que chegam até nós - são lembranças do vivido, e a maneira como iremos trabalhar esse material é algo que nos diz respeito; se

ignorarmos ou se considerarmos tudo isso, uma coisa é certa: a responsabilidade será sempre nossa.

Então, diante de alguns filmes de cinema, vejo possibilidades de novas ações em nossas próprias vidas; uma nova forma de olhar e interagir com o mundo que nos cerca, principalmente quando se olha o cinema como arte.

Cada arte tem o seu próprio significado poético, e o cinema não constitui uma exceção: ele tem a sua função particular, o seu próprio destino e nasceu para dar expressão a uma esfera específica da vida, cujo significado ainda não encontrara expressão em nenhuma das formas de arte existentes. Tudo que há de novo na arte surgiu em resposta a uma necessidade espiritual, e sua função é fazer aquelas indagações que são de suprema importância para nossa época. Por sua própria natureza, o cinema deve expor a realidade e não obscurecê-la (Tarkovski, 1998). Quando evidenciamos a relevância do cinema, admitimos o cinema de arte, e quando falamos sobre filmes, não nos referimos a quaisquer filmes, mas a filmes em que, de uma forma ou de outra, aconteceu um trabalho de pesquisa, uma produção voltada de alguma maneira para o engrandecimento do ser; não nos referimos a filmes comerciais que lotam as salas de exibição, somente por seus efeitos especiais.

Creio que um dos mais desoladores aspectos da nossa época é a total destruição, na consciência das pessoas, de tudo que está ligado a uma percepção consciente do belo. A moderna cultura de massas, voltada para o “consumidor”, a civilização da prótese, está mutilando as almas das pessoas, criando barreira entre o homem e as questões fundamentais da sua existência; entre o homem e a consciência de si próprio enquanto ser espiritual. O artista, porém, não pode ficar surdo ao chamado da beleza; só ela pode definir e organizar sua vontade criadora, permitindo-lhe, então, transmitir aos outros a sua fé (Tarkovski, 1998).

A arte pode revelar a verdade e a verdade é alguma "coisa" que está no escuro, pois sua revelação cega; esta cegueira é causada pelo não conhecimento daquilo que se apresenta, que é uma novidade e, como algo novo, exige de nós uma nova forma de ação porque nos coloca em “xeque” e nos questiona sobre o que vamos fazer. Nesta cegueira nos deparamos com o momento da ação. Podemos passivamente admitir que estamos cegos e paralisados ou então admitir que, com esta nova condição (a cegueira), temos que nos mobilizar e fazer alguma coisa que nos permita avançar numa nova direção.

Com o objetivo de avançar numa nova direção, utilizei como material de reflexão o filme “Matrix”. É sabido que existem muitos gêneros fílmicos e inumeráveis gostos, assim, a visão de um espectador não tem que ser necessariamente semelhante à do outro. Partindo-se disso, os elementos observados por mim no filme “Matrix” e que podemos pensar se relacionarem ao autoconhecimento, não necessariamente terão sido observados por outras pessoas; é apenas uma forma e uma maneira de olhar, não a única. O que causa este movimento de buscar o autoconhecimento? Penso que a resposta se associa a não satisfação com relação à vida que se apresenta e a tudo o que está ao nosso redor.

Sobre o olhar podemos citar Alberto Caieiro:

“O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
Eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo”...
(CAEIRO, apud DE NICOLA, 1995, p.30)

Podemos pensar, com Caieiro, que viver assim é se abrir para o novo, para tudo o que a vida nos apresenta e nos oferece para o crescimento e desenvolvimento do ser; ao agir assim, estamos praticando o amor por nós mesmos, porque a realidade comum do dia-a-dia não é suficiente para “quem quer uma vida melhor do que uma vida qualquer” (AGOSTINHO, 2001, p. 45).

Neste “espírito” de querer uma vida melhor do que uma vida qualquer se justifica a nossa busca pelo autoconhecimento. Penso que a resposta para essa busca se associa a não satisfação da vida que se apresenta e de tudo o que está ao nosso redor, assim como para o personagem Neo. O que nos faz despertar para isso? A insatisfação e a busca por respostas para aquilo que não se entende, movido pela ânsia interna de descobrir os mistérios do mundo que nos cerca e no qual estamos inseridos, nos faz buscar um caminho para percorrer.

CAPÍTULO 2 - O LIVRE-ARBÍTRIO

Vamos adentrar este árido assunto falando sobre a liberdade de escolha. Esta liberdade só pode ser utilizada quando se sabe exatamente o que se quer, pois quando não se sabe, é como estar em um barco no mar revolto, onde o rumo que iremos pegar depende exclusivamente das nossas ações; a idéia aqui apresentada não pretensiona esgotar as reflexões sobre tema tão abrangente e complexo, mas somente expor algumas proposições sobre um tema tão intrigante e incrível.

Ao abordar o tema do livre-arbítrio, podemos pensar na relevância de tal escolha e em suas implicações. A razão de escolhê-lo se relaciona à grande importância do mesmo, e ao fato de que sua aplicação se dá a todos que querem viver a vida como senhores de si e não como escravos de injunções, que na maioria das vezes são criadas por nós mesmos e, outras vezes, criadas pelo mundo em que vivemos. O livre-arbítrio é o que nos dá opções para fazermos de nossas vidas algo além daquilo que estamos vivendo, com possibilidades de termos uma vida melhor, sempre dependendo das opções que forem feitas.

Vamos refletir sobre o livre-arbítrio junto com Taimni, que ilustra magistralmente o que abordamos sobre os problemas do nosso tempo que, de acordo com ele, se devem à falta de compreensão sobre a natureza do homem. O homem está realizando pesquisas sobre o Universo, acumulando conhecimentos fantásticos, porém, no que diz respeito a si próprio, se distancia cada vez mais. E o que é pior nessa situação é que não busca o autoconhecimento, demonstrando também não se importar em refletir sobre de onde veio ou para onde vai após a morte (Taimni, 1980).

Diante de constatações como estas de Taimni, que atitudes podemos tomar? A da inação? Não é o caminho. Uma vez diante de tais questionamentos o que nos cabe é a ação, lembrando que alguns cuidados precisam ser tomados, por exemplo: é preciso ouvir a nossa voz interior, escutar nosso coração com muito cuidado e sem se precipitar, para se chegar a uma decisão clara sobre assuntos de natureza espiritual, porque muitas vezes a resposta que chega até nós é de natureza evanescente, é o resultado de reações produzidas por frustrações da vida.

Os questionamentos sobre assuntos espirituais têm desaparecido lentamente, porque o mundo – capitalista - em que vivemos oferece muitas atrações para nossas mentes, deixando-as fascinadas, deslumbradas; assim, caímos novamente na mesmice, esquecendo mais uma vez do

nosso destino superior, não exercendo, portanto, nosso imprescindível livre-arbítrio. (Taimni, 1980). O fascínio que o mundo nos causa nos faz prisioneiros de nós mesmos. Podemos ilustrar essa situação com uma história de um mestre com seu discípulo:

- Mestre, o senhor é maravilhoso! – Um estudante, ao se despedir, olhou com devoção para o sábio patriarcal. – Renunciou às riquezas e ao conforto para buscar Deus e nos ensinar a sabedoria!

- Era de conhecimento geral que Badhuri Mahasaya renunciara à substancial riqueza familiar em sua meninice quando, sem desviar-se de seu propósito, entrou na senda da ioga.

- Você está invertendo as coisas! – A face do santo expressava meiga repreensão. – Deixei algumas rúpias desprezíveis, alguns prazeres mesquinhos, em troca de um império cósmico de bem-aventurança interminável. Como dizem, então, que neguei tudo a mim mesmo? Conheço a alegria de partilhar o tesouro. Chamam a isto sacrifício? As multidões míopes do mundo é que são as verdadeiras renunciantes! Renegaram a posse de um bem divino sem paralelo, por um mísero punhado de brinquedos terrenos! (YOGANANDA, 1999, p. 72).

Diante dessa fabulosa história de vida de um mestre de ioga, nós é que somos os verdadeiros renunciantes, porque abrimos mão da natureza divina para nos identificarmos com a matéria finita e ilusória.

Então a pergunta que surge é: o que podemos fazer quando emergem em nós questionamentos sobre a vida espiritual? Para responder a esta pergunta, dialogaremos com Alfred Längle, apoiando-nos em seu livro *Viver com sentido*. A pergunta "**para quê?**" é a mais importante e a mais grave, pelas suas conseqüências. Nela se condensa a essência do homem, fundindo-se com a incerteza de sua existência. A resposta encontrada torna-se motivo para suas ações, para o fato de existir o futuro. (Längle, 1992).

Existem pessoas que se comprometem com a vida de uma maneira mais ampla, e sua preocupação não está voltada ao **ter** e sim ao **ser**. Para essas pessoas a vida, do ponto de vista existencial, tem um tríplice aspecto: “**vivenciar** aquilo que tem valor em si; **mudar** as circunstâncias para melhor sempre que possível; quando for necessário suportar as **circunstâncias**⁸, para crescer e amadurecer com elas” (LÄNGLE, 1992, p. 18). Längle não está nos dando uma receita infalível, ao contrário, ele nos oferece uma referência de ação, referência

⁸ As palavras em negrito são destacadas pelo autor.

esta que se aplica à vida que temos, pois estamos inseridos numa sociedade capitalista, que não nos permite vivenciar plenamente todas as oportunidades de crescimento e desenvolvimento que se apresentam, porque o tempo é curto - para o capitalismo: “tempo é dinheiro”. No que diz respeito a mudanças, estas não são permitidas porque já existe um modelo pré-estabelecido, e quem foge do modelo se torna um “Estranho no ninho”⁹.

Quando aceitamos as circunstâncias como aprendizado, nossa relação com as mesmas se difere, e podemos aproveitar a oportunidade para crescermos e nos desenvolvermos, tanto materialmente como espiritualmente, sem apego; é muito importante lembrar que nosso corpo é o nosso veículo de expressão no mundo material, então, sabemos que uma vida material equilibrada contribui, e muito, para se buscar também o equilíbrio espiritual. Então, o tríplice aspecto apresentado por Längle serve como referência de ação para quem quer ser senhor de si.

Quando se fala sobre o livre-arbítrio, é preciso retornar à pergunta anterior sobre o "**para quê?**", e lembrar por que é importante ter essa opção. Afinal de contas, o ser humano precisa se resgatar no sentido de lembrar-se de si mesmo, de quem verdadeiramente é em essência; isso acontece não em detrimento do outro, mas no sentido de resgatar a sua dignidade, visando o respeito por si mesmo (Arendt, 2004) e amor próprio.

Quando se busca o exercício prático do livre-arbítrio, é preciso ter clareza do que se quer para viver bem consigo mesmo. Porque quando nos conhecemos, pressupõe-se que saibamos o que é importante para nós e também para quem está ao nosso lado.

E ainda, quando nos aprimoramos, fica implícita também a criação de condições para uma vida melhor conosco, na e com a nossa sociedade.

Parece até uma contradição, mas não é, pois, apesar dos inumeráveis progressos da ciência e das contribuições de Grandes Mestres Espirituais que viveram entre nós, o desenvolvimento espiritual é lento, demora para se propagar e é também individual (Goswami, 2005). O que nos mostra, portanto, a grande responsabilidade que temos nas escolhas que fazemos para nossas vidas, pois, como vivemos num mundo de inter-relações, nossos atos não são isolados e todas as nossas opções têm conseqüências. Diferente do que se afirma comumente, nós somos agentes ativos de nossa história, de nossas vidas e do mundo no qual vivemos, pois “é a consciência em última análise, quem cria a realidade. A escolha do ato, a partir das possibilidades, compreende a mudança descontínua que mencionei antes. O mundo é apenas

⁹ Referência ao filme homônimo de 1975.

aparentemente contínuo, newtoniano e material. Na verdade, ele é descontínuo, quântico e consciente”. (GOSWUAMI, 2005, p. 32). Através deste outro enfoque, podemos compartilhar da visão do físico matemático Amit Goswami, que nos mostra a necessidade de termos consciência nos nossos atos e clareza de que nosso mundo não é pré-determinado, nós temos um papel ativo nele, ou seja, podemos fazer uso do nosso livre-arbítrio.

Uma outra grande questão que podemos formular é: “o mundo é independente de nós? Ou o que nós vemos depende, de alguma maneira crucial, de nós, de nossas escolhas? O físico Niels Bohr nos ajudou a perceber que temos um papel crucial na configuração da realidade”. (GOSWUAMI, 2005, p. 51), porque nossa realidade é construída no dia-a-dia, com cada uma das nossas ações.

No filme “Efeito Borboleta” (2003), temos um exemplo que ilustra muito bem essa situação. Um jovem estudante, Evan, descobre acidentalmente que todos os seus diários, escritos ao longo de sua infância, são mais do que apenas registros de acontecimentos pretéritos. Através destes diários, Evan pode reviver e até interagir com os fatos ocorridos. Ele começa a fazer a leitura de um dos antigos diários e, então, o caderno começa a tremer, a imagem fica desfocada e Evan volta no tempo. Com a consciência do presente, se vê no período em que foi criança e, se de alguma forma ele interfere nesses fatos, mudanças são desencadeadas no tempo presente, fazendo com que sua vida se modifique completamente.

Quando não estamos atentos, é nítido e notório que o nosso comportamento adota o curso mais condicionado, mesmo diante de outras opções; mas, quando estamos conectados a nós mesmos, somos livres para escolher outros caminhos (Goswami, 2005). Esse condicionamento ao qual nos chama a atenção Goswami, diz respeito ao hábito que, em outras palavras, significa uma mesma ação repetida inúmeras vezes, causando assim a monotonia. Quando procuro, de alguma forma, romper com essa monotonia com pequenas ações que passo a realizar de uma forma diferente, estou abrindo espaço interno para que as possibilidades aconteçam, e essas mudanças sempre ocorrem de dentro para fora, nunca de fora para dentro (Krishnamurti, 1998).

Com as pequenas mudanças em velhos e antigos hábitos, começamos a fazer uso do livre-arbítrio, ou seja, nos permitirmos ter escolhas. Lembrando que todas as nossas escolhas terão conseqüências, é fundamental que se pense e analise muito bem todas as situações que se nos apresentam, para que possamos fazer boas escolhas.

Quando fazemos uma análise social da cultura ocidental, podemos perceber que ela é voltada, e muito, para a ação, sendo a individualidade muito valorizada. É condizente pensar que temos livre-arbítrio para dizermos não aos condicionamentos, ou seja, temos liberdade de escolha diante de alternativas condicionadas, o que abre possibilidades para mudanças criativas de caráter, algo denominado de criatividade interior (Goswami, 2005). É com criatividade interior que se pode colocar em prática o livre-arbítrio, porque isso vai exigir de cada um a mobilização interna em prol de revisão de posturas, comportamentos, ações e tudo o que nos prende ao “Status Quo”; exigindo de cada um engajamento e reflexão voltados para mudanças de atitude inclusive.

Sabemos que uma criança não nasce com um ego “pronto e acabado”, porque a formação do ego se dá pela influência familiar, social, cultural, econômica, religiosa, etc. Podemos concluir que o ego é o resultado de uma criação. Portanto, “não existe ego; o ego não é real; é uma falsa identificação. Intuir isso conduz à criatividade interior. Compreender isso plenamente nos permite ir além da ignorância e descobrir a nossa verdadeira natureza” (GOSWAMI, 2005, p. 68). Ou seja, temos um corpo, mas somos seres espirituais em essência.

Em tempos idos, poucas pessoas podiam mudar alguma coisa, a grande massa permanecia encarcerada em seus próprios mundos, pois não tinha nenhum papel na realidade. A realidade existia e estava baseada em “leis imutáveis”; isso se aplicava às grandes massas, pois para os grandes espiritualistas não, estes sempre foram senhores de suas próprias vidas. Atualmente, o que a física quântica nos apresenta é um novo enfoque do conhecimento dos “velhos espiritualistas”. Nesta visão, a física quântica “nos mostra possibilidades de reações que os objetos podem ter, mas não nos dá a experiência real que teremos na consciência. Eu que escolho tal experiência” (Quem somos nós, 2004, p. 7). Assim sendo, eu sou o responsável por criar minha própria realidade.

As pessoas trabalham, se aborrecem, almoçam, vão para casa e vivem a vida como se nada de especial estivesse acontecendo, pois é assim que se acostumaram, mas existe essa incrível mágica na sua frente. A física quântica calcula apenas possibilidades. Mas se aceitarmos isso, a questão imediatamente passa a ser que escolha temos que fazer dentre as possibilidades para iniciarmos o evento da experiência? Então vemos diretamente que a consciência tem que estar envolvida (QUEM SOMOS NÓS, 2004, p.7).

Apenas com o envolvimento da nossa consciência é que poderemos pegar as rédeas de nossa existência para fazer o melhor uso possível do livre-arbítrio e de todas as nossas capacidades de ação, que são inúmeras, para não dizer infinitas.

Se eu quiser, conscientemente posso programar meu dia à minha maneira. Como isso não faz parte da minha rotina, demorarei um pouco até minha mente se adaptar e efetivamente “criar meu dia” (Quem somos nós, 2004, p. 10). Mas quando consigo criar meu dia, “pequenas coisas acontecem”. (Quem somos nós, 2004, p. 10) E são assombrosamente inexplicáveis, porém sei também que fazem parte do “resultado da minha criação”. Quanto mais me aprimoro, “ligações” cerebrais são acionadas me mostrando que tudo aquilo é possível, me incentivando, assim, a praticar cada vez mais. E quando faço uso dos seus atributos, o maior beneficiado sou eu mesmo e, conseqüentemente, os que estão ao meu redor (Quem somos nós, 2004).

Fisiologicamente, células nervosas afins se agrupam e se conectam. Se pensarmos em nossas células como pequenas partículas inteligentes, diante de uma certa programação mental acontecerá um relacionamento intenso entre elas. Numa situação de raiva recorrente, de frustração ou em situações nas quais nos fazemos sempre de vítima, estaremos sintonizando a mesma “estação” e o resultado será sempre o mesmo. Por outro lado, sabemos também que células nervosas que não se reconectam perdem afinidade, não se ligando mais. Pois, como sabemos, nossos pensamentos são baseados em respostas químicas do corpo e, quando mudamos nossa forma de pensar, as células nervosas perdem seu conhecido relacionamento. Assim, as possibilidades de mudanças podem ocorrer com maior intensidade, nos instigando a agir de uma outra forma (Quem somos nós, 2004).

Existem muitas pessoas “normais” que acreditam que suas vidas são sem graça e sem inspiração nenhuma; elas são assim porque nunca obtiveram algum tipo de conhecimento que as inspirassem de alguma maneira. Demonstrem estar tão presas ao “Status Quo”, são muito influenciadas pela mídia, televisão, por pessoas que vêm como referências, a quem muito querem imitar, mas que estão tão perdidas como elas. O fato é que poucos conseguem alcançar este ideal porque isso não faz parte da realidade, é como se fosse um conto de fadas no qual as fadas são, na verdade, bruxas más.

Quando cito, acima, a influência da mídia, da televisão ou de qualquer pessoa, não me coloco acima delas; por outro lado, quando aprendemos a ver o tipo de influência que estes meios podem exercer sobre nós, podemos fazer uso do nosso livre-arbítrio e não aceitar tal influência.

Podemos perceber que estes ideais são ilusórios, porque a vida na matéria é finita. Tudo o que cultivamos em termos de valores, acredito que seja perene e que agregue conteúdo para o desenvolvimento espiritual. Quando ocorre a identificação com a matéria, a alma pode não se manifestar e o iludido permanece preso na mesmice do dia-a-dia. Por outro lado, se a alma se manifesta, a pessoa questiona se existe algo além do que vemos, qual o propósito da nossa existência, para onde iremos depois da morte do corpo físico, e o que acontece do outro lado. Se isso ocorrer, seus velhos conceitos é que estarão sendo colocados em xeque. Quando isso ocorrer, o questionador estará no caminho de se conhecer (Quem somos nós, 2004).

Tudo isso é algo novo, algo que precisa ser estimulado no cérebro. E nesse caminho todo de novidades, as transformações verdadeiras sempre ocorrem de dentro para fora. Como falamos de um processo químico, existe um apego químico para se manter o “Status Quo”, porque quando rompemos com as ligações antigas, novas ligações têm que ser feitas, justamente para não se ter a sensação de perder o chão sob os pés. Objetivamente, quem quer esse tipo de sensação, quem quer ser colocado na parede? A pergunta que podemos fazer é: nossa vida está tão boa que nada precisa ser mudado?

Essa situação como um todo pode aparentar ser uma situação de perda, mas depende do referencial com que se olha; quando permitimos que mudanças ocorram, estamos nos dando a oportunidade do descortinar de uma nova vida, com coragem para encarar novas possibilidades.

Longe de ser uma ameaça, as possibilidades nos desafiam a viver engajados a tudo o que se passa ao nosso redor. Aparentemente estamos perdendo o controle sobre o que já está dado, mas podemos pensar também que estamos ganhando novas formas de nos relacionarmos no mundo em que vivemos, com coragem de encarar esses novos desafios que “ameaçam” mas que, na verdade, estão nos desafiando a viver a vida engajados com o que acontece ao nosso redor. Certeza do que pode ocorrer ninguém tem, por outro lado, viver é um ato de Fé, porque não é possível conhecer todos os acontecimentos que se apresentarão na trajetória de vida de um ser humano comum (Quem somos nós, 2004).

Quem pensa que seus atos são isolados está redondamente enganado; sou responsável por minha vida e não estou separado de nada do que está ao meu redor. Fazemos parte de um todo e estamos conectados a tudo o que acontece ao nosso redor.

O místico indiano Chogyon Trungpa criticava seus alunos alegando que eles praticavam uma espiritualidade pensando em chegar a algum lugar. É exatamente o contrário! A

espiritualidade mostra, de uma maneira prática, que não há um local específico para se chegar, pois este local já existe dentro de nós em potencial. (Goswami, 2005). Como temos esse potencial de ação em nós, basta apenas o nosso querer verdadeiro para entrar em contato com tudo isso.

Kierkegaard, o grande filósofo dinamarquês, nos diz que “mais importante do que a busca de uma VERDADE, com letras maiúsculas, era a busca por verdades que são importantes para a vida de cada indivíduo. Ele dizia que o importante era encontrar “a minha verdade, a verdade de cada um” (GAARDER, 1991, p. 404). É isso o que Neo busca, encontrar sua própria verdade.

De acordo com o filósofo francês Jean Paul Sartre, citado por Gaarder (1991), cabe exclusivamente a nós decidirmos como queremos viver a nossa vida. Ele nos fala também que estamos condenados à liberdade, porque esta liberdade não é fruto de uma conquista, é algo com que nascemos, independente de sabermos fazer bom uso disso ou não; ao estarmos no mundo somos responsáveis por tudo o que fazemos. Nossa liberdade exige de nós que tomemos decisões ao longo de nossa existência, lembrando que não existem critérios pré-estabelecidos, isso faz com que nossas escolhas tenham que ser muitas bem analisadas (Gaarder, 1991). Então, podemos nos perguntar por que são poucas as pessoas que buscam assenhorear-se de si mesmas, - porque exige um exercício pleno de engajamento em todas as suas ações.

Para Nascimento¹⁰: “É necessário deixar o interior se exteriorizar, porque é assim que tem que ser; nós não somos uma parte, somos um todo. Cabe a cada um de nós deixarmos a magia acontecer, para isso temos que ser porosos à magia e então ela acontece, a magia é a intensidade da vida”. Quando juntamos tudo aquilo ao que gostamos, criamos um espaço contínuo de ação. Não é necessário falarmos muito, é fundamental agirmos para nos transformarmos.

Ao citar todos esses autores, com suas respectivas reflexões, faço-o apenas com o objetivo de ilustrar o fato de existirem muitos intelectuais trabalhando arduamente para nos fazer pensar sobre nossas vidas e o que estamos fazendo, na prática, para exercermos esse livre arbítrio.

Para isso, podemos ilustrar metaforicamente o que queremos. Podemos pensar que temos opções em nossas vidas. Somos os condutores da nossa carruagem, sabendo que temos que zelar por ela, realizando as “manutenções” devidas (no caso do nosso corpo, através de uma alimentação adequada e de práticas esportivas condizentes, não nos escravizando a modelos comerciais), para que ela esteja pronta para exercer, com qualidade, sua função; precisamos

¹⁰ Encontro mensal do Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho, Faculdade de Educação UNICAMP 25/08/04.

cuidar dos cavalos (que representam nossos instintos), para que eles respondam ao nosso comando. Não estamos falando em repressão, lembrando que nossa razão é permeada por nossos mais sublimes sentimentos, que conduzem essa diligência. No caso de não termos o comando dessa carruagem, o que pode acontecer é que o corpo pode se entregar aos seus desejos, podendo ser escravizado por eles. Assim sendo, não é possível conduzir a vida, principalmente para quem quer “uma vida melhor do que uma vida qualquer” (AGOSTINHO, 2001, p. 45). Também temos a opção de sermos apenas passageiros na carruagem que alguém conduz, podendo nos levar para qualquer lugar, qualquer mesmo. Só que não temos o direito de fazer qualquer tipo de observação ou reclamar de alguma forma, uma vez que, nesta opção, não temos o comando de nada, isso tudo é muito condizente com o mundo capitalista.

Para muitos não existem opções. Pode-se pensar também que, por não querer ver as opções, teme-se escolhê-las. E, ao se ter clareza do que se quer, tem-se a opção de viver como Senhor de si, ou também como servo das próprias idiossincrasias. A opção é pessoal e as conseqüências são intransferíveis.

Nesse espírito de opções que se relacionam ao autoconhecimento e ao livre-arbítrio, Moraes ilustra magistralmente:

Quando fizermos a aventura suprema, que é a do autoconhecimento, iremos descendo às profundezas de nós mesmos. E quanto mais descermos, sentiremos mais difícil e escura a descida; pisaremos pedras lisas e terrenos incertos que ladeiam nossos penhascos interiores. Então haverá um ponto de perplexidade e pavor no qual as sombras são trocadas por excessos de luz que, aí mais do que antes, deslumbram-nos e impedem-nos de enxergar. Quando estivermos grudados ao úmido paredão interno de nossa alma, transidos de medo, ouviremos a voz que nos pacificará: Não temas, filho, sou Eu.

As muitas luzes se colorirão como um remédio capaz de diluir nossos medos iniciais. Haveremos, então, de chorar lágrimas de alegria que descerão pelo rosto e rolarão pelo coração como um batismo de amor. Assim, ao voltarmos de nossas profundezas, traremos no rosto, nos gestos, na voz, marcas de encontro com a Grande Presença. Talvez passemos a compreender melhor nossos irmãos orientais, que se saúdam dizendo: Salve o Deus que está em ti (MORAIS, 2003, p. 85).

Quando pensamos sobre o autoconhecimento, temos que ter clareza de que isso não é algo espontâneo e acontece com ações do acaso, ao contrário, exige do buscador um esforço hercúleo, porque é preciso romper com muitas coisas entre elas, o medo. O medo é causador de grandes

devastações internas, o medo destrói a inteligência e nos tolhe as ações e, assim, destrói nossa criatividade. “O medo impede que você se examine, questione, inquiria; ele o impede de descobrir o que é verdade” (KRISHNAMURTI, 1998, p. 40 - 41). O medo nos torna dependentes e submissos, porque não nos permite enxergar além daquilo que está estabelecido.

CAPÍTULO 3 - MERGULHO NO FILME “MATRIX”

Antes do mergulho propriamente dito, faremos a apresentação dos principais personagens com os quais iremos trabalhar, sendo que com eles desenvolveremos nossas reflexões.

O primeiro personagem de quem iremos falar é Neo, apelido de Thomas Anderson. Com as letras do nome Neo é possível escrever o nome Noé, personagem bíblico responsável pela construção da Arca da Aliança. Noé estabeleceu um pacto com Deus e, assim, impediu que a “fúria de Deus recaísse sobre todos os seres humanos”. Deus acordou com Noé que este último encontrasse pessoas justas e que as levassem consigo, na Arca, juntamente com um casal de cada animal que existia no Planeta. Com essa ação, Noé ficou conhecido como o “Salvador da raça humana e dos animais”. “Neo (do grego) significa novo; o novo advento ou, se preferirmos, a encarnação do verbo. O sobrenome é Anderson, Ander vem de andros, homem, e son é filho, isto é, filho do homem, uma das formas que Jesus se autodenominou” (IRWIN, 2005, p. 33).

Outro personagem é Morfeu

que em sua simbologia apresenta aspectos diferentes; pode ser relacionado à um Mestre da Grande Fraternidade Branca, que tem que ensinar o seu discípulo, Neo, a vencer a ilusão (Maya) para, desta forma enfrentar a Matrix. Para que isso aconteça, Neo tem que transformar-se em Mestre. E é por meio de softwares que seu aprendizado começa. Por outro lado, Morpheus é um deus da mitologia grega, filho da noite e do sono, deus dos sonhos, filho de Hypnos. Deus que proporciona o repouso necessário ao homem fatigado para que este possa, por meio dos sonhos, libertar o **adormecido** de seus pesares (IRWIN, 2005, p. 3).

Outro personagem que também merece destaque, até mesmo para completar a Trindade, é uma mulher Trinity.

Na antiguidade, a figura feminina era ligada à Deusa. Era à mulher que os deuses faziam as revelações (como a Pítia, por exemplo). Em Matrix, temos a figura de Trinity, que representa o número 3 e que, em português, significa trindade –Pai, Filho e Espírito-Santo; Trinity é uma mulher e representa a Grande Mãe-Filha e o Espírito Santo. Outra vez o filme faz menção à Grande Fraternidade Branca (IRWIN, 2005, p. 15).

Outra característica de Trinity: ela representa o amor, que é a pedra filosofal da existência de qualquer ser humano.

Cypher também é um personagem deste filme com um papel muito importante: ele é o traidor, o Judas. Mesmo sabendo que tudo era uma ilusão, ele quer retornar a Matrix e afirma: “A ignorância é maravilhosa” (IRWIN, 2005, p. 22). Nesta sua afirmação, mesmo sabendo que Matrix é ilusão, ele quer retornar a ela; podemos pensar que ele faz uso consciente de seu livre-arbítrio.

Porque afirmamos que Cypher tem um papel importante? Obviamente que sim e não é por acaso, graças à sua delatção, todos os “heróis” têm que se mobilizar e agir de uma forma totalmente diferente da que estavam agindo. Isso fez com que cada um utilizasse todo o seu potencial de ação, toda a sua criatividade para poder "se safar" das situações de perigo em que se encontravam e realizar a sua “jornada interior de herói” para se encontrar no caminho do autoconhecimento.

A característica marcante de Neo é a insatisfação, causada pela previsibilidade que gera o medo, principalmente para quem quer ter o controle de tudo o que se passa na sua vida. Isso acontece porque ele não aceita a vida que tem, porque tudo é previsível - é como se realmente sua vida fosse programada. Então, diante desta indignação, é como se estivesse buscando um novo sentido para o que se apresenta ao seu redor e, como a resposta não é imediata, isso gera frustração, com tendência muito forte para desistir de tudo.

Quando não temos o significado pessoal do que é a realidade e do que está ao nosso redor, há uma perda de referência, falta de significação na vida. Isto pode ser traduzido por uma cena do filme “Final Fantasy” (2001). Dra. Ross tem sonhos frequentes com um local desconhecido, nesse local o terreno é pedregoso e, quando ela olha para baixo, percebe que está pisando no vazio, é como se seus pés estivessem pisando no ar, dando a nítida noção de que não existe um chão para ser pisado. Viver dessa maneira se assemelha muito a um barco que está navegando sem rumo ou direção.

Quando falamos de Thomas A. Anderson, estamos falando de uma personalidade humana. Quando compreendermos a relação que existe entre a personalidade e a individualidade, temos boas chances de compreender alguns dos problemas fundamentais da vida espiritual. Ocorre a identificação da consciência com a personalidade, “que vem à existência em cada encarnação, somos praticamente esta entidade e temos de participar do seu destino. Se vivermos apenas em nossos pensamentos e emoções e permanecermos completamente absortos nos interesses

temporários do eu inferior, com a dissolução desse eu (o que é inevitável) morremos também” (TAIMNI, 1980, p. 43- 44).

Se conseguirmos mudar nosso foco de atenção da personalidade para a individualidade, e compreendermos de uma vez por todas que somos seres espirituais, que habitamos temporariamente o corpo físico a personalidade passará a ser nossa aliada, como manifestação de algo maior - a consciência espiritual. “Se, gastando-se, nosso casaco vem a se romper, não nos sentimos infelizes, pois sabemos que podemos jogá-lo fora e obter outro, mas se nosso corpo envelhece, sentimos-nos infelizes como se tudo estivesse acabado para nós. Por quê? Porque nos identificamos com o corpo físico, mesmo sabendo ser este apenas um instrumento” (TAIMNI, 1980, p. 43- 44). Esta é a “grande” ilusão que a matéria nos causa, a identificação.

O mundo em que Neo vive é análogo ao nosso mundo, ele vive no mundo da dualidade, convive com a vida e a morte. Os condicionamentos históricos, a busca de segurança, poder, a rotina, a programação social, política, empresarial, religiosa, toda essa situação gera para ele um vazio, causando, assim, a insatisfação e a não aceitação do seu papel: um “simples” criador de software. Ele está em busca de algo. De alguma coisa que faça sentido para ele, porém é algo que ele ainda não conhece, mas que busca conhecer.

Neo vive na dimensão da insatisfação, porque sua vida não está preenchida com a realidade na qual vive; ele percebe que o mundo é dual e regido por incertezas: em relação a própria vida, ao desconhecido e ao controle, que é fruto do poder. Controle de suas próprias ações e de tudo o que for possível ao seu redor, e controle sobre o maior número de pessoas as quais fazem parte do seu ciclo de relações: familiar, profissional, e todas as demais com as quais convive.

A insatisfação com a qual Neo se depara no seu dia-a-dia, o leva ao reconhecimento da existência de uma grande teia na qual muitos estão presos, e o pior de tudo é que a estrutura social está desenvolvida de tal forma que os aprisionados não se dão conta de que são prisioneiros de si mesmos, de seus próprios pensamentos, de sua própria inação.

Isso nos remete à situação do filme “Feitiço do Tempo” (1993), na qual Phil, um apresentador de um informativo meteorológico, está fazendo uma reportagem numa pequena cidade, sobre um acontecimento anual: “O dia da marmota”.

Como ele e sua equipe chegam no final da tarde na cidade onde acontece “O dia da marmota”, se instalam em pequenos hotéis para dormir e, no dia seguinte, realizar a reportagem.

Neste acontecimento, Phil narra o ritual em que a marmota é retirada de uma casinha e os mestres de cerimônia conversam com ela; pela tradição, se ela enxergar a própria sombra, o inverno permanecerá por mais seis semanas. Então, Phil faz sua reportagem, cumprindo sua tarefa com um certo desdém; ele e a equipe de produção rumam para a cidade de origem, no caminho despenca uma nevasca que faz com que a equipe volte para a pequena cidade de Punxsutawney.

O dia amanhece novamente e o relógio do quarto do Phil toca para despertá-lo às 6:00hs da manhã com um programa de rádio. Phil, sonolento, fica meio confuso, pois o programa de rádio parece o mesmo do dia anterior; ele olha pela janela e vê as mesmas pessoas passando, as mesmas cenas se repetindo. Sua suspeita se confirma porque tudo está exatamente igual ao dia anterior: as pessoas, os acontecimentos, as situações. Phil não entende o que está acontecendo, pensa até se tratar de alguma brincadeira, mas percebe que está preso no tempo - está à mercê de Khronos¹¹ -, no mesmo dia, o “Dia 02 de Fevereiro”. É como se estivesse preso numa janela de um determinado espaço temporal. E todo o dia se repete, todo dia é o dia 02 de Fevereiro, o Dia da Marmota - nada muda, todo dia é a mesma coisa.

Por outro lado, no filme “Matrix” o preenchimento para esta situação se dá através de programas, como se a vida se baseasse numa repetição, sendo essa programação elaborada por alguém, ou algum grupo, que acredita que tudo vale para todos; não há o respeito pela individualidade de cada ser humano e muito menos por suas singularidades.

Neo, buscando uma vida melhor e que fizesse sentido para ele, se tornou um hacker, ou seja, alguém que pode entrar e sair de qualquer programa a hora que bem desejar. Podemos fazer referência às suas buscas como se fossem pesquisas por igrejas, grupos de estudos, filosofias de vida, enfim, algo que pudesse fazer sentido para ele. Mas, o que ele percebe é que todos os sistemas são vazios e repetitivos, porque são previsivos. Contudo, o que ele não quer é viver num mundo regido pela previsibilidade e insatisfação.

Algo muito importante nisso tudo é que, quando se fala sobre o autoconhecimento é comum pensar-se em ser algo imediato, instantâneo e simples; algo que exige muito pouco de quem o busca. Mas a verdade é outra, o autoconhecimento é algo elaborado e regido por leis naturais e requer de nós um empenho muito maior para que se obtenha “sucesso”. Porque como esta busca é repleta de “dificuldades e complicações, requerem manejos cuidadosos, pacientes e

¹¹ Deus do tempo na mitologia grega.

esforço prolongado. Mas os resultados são baseados em leis naturais e, assim nosso sucesso final é assegurado” (TAIMNI, 1980, p. 54- 55). Porque é isso o que a Divindade quer para de nós.

A primeira cena que destacamos em Matrix é a dos agentes conversando sobre o informante, dizendo que este era confiável e que o próximo alvo seria alguém com o nome Neo; então a câmera se desloca em direção ao telefone e mostra o gancho do mesmo. A parte por onde se escuta está quebrada e por onde se fala, inteira. Então a câmera focaliza os pequenos buracos desta parte e adentra, deixando-nos visualizar um pequeno orifício que se transforma na letra “a” da palavra “Searching” (do inglês: procurando); neste momento nos deparamos com Neo.

Neo está dormindo, sentado em frente ao computador; na tela aparece uma notícia: “Morfeu engana a polícia no Aeroporto de Heathrow. A caçada começa”. Diante desta manchete, pode-se criar no leitor a forte impressão de que se trata da procura de um criminoso de alta periculosidade, porém ao longo do filme podemos perceber que as notícias veiculadas nos meios de comunicação não são tão confiáveis assim (exatamente como acontece em nosso mundo), principalmente porque é sabido que elas atendem a interesses econômicos e políticos.

A câmera faz um giro panorâmico do alto, sendo possível observar toda a mesa de trabalho de Neo que está disposta em semicírculo, o que pode nos levar a pensar que esta disposição seja uma referência às mudanças que podem ser promovidas na vida, mudanças mais profundas, em cento e oitenta graus, ou seja, mudança quanto aos rumos dos acontecimentos para o extremo oposto.

Então, em seu computador aparece a mensagem:

Acorde Neo...

Neo se questiona: O quê?

E a mensagem continua:

A “Matrix” te achou...

Neo está intrigado com o que vê: seu computador escrevendo na tela "a partir do nada". A mensagem no computador continua:

Siga o coelho branco.

E misteriosamente (até então) o computador antevê os fatos com a mensagem:

Toc, Toc, Neo (tem alguém batendo à porta); a mensagem termina.

Neo se assusta com as batidas na porta e com o que já fora prognosticado pelo computador e, então, lança um olhar (completamente indignado e sem entender o que está acontecendo) para a tela do computador.

Neo abre a porta para ver quem está batendo e se certifica de que é um conhecido, Choi.

NEO- Está duas horas atrasado (podemos pensar que a espera por mudanças em sua vida é tão grande que um atraso de duas horas é muito tempo).

NEO- Trouxe o dinheiro?

Ao mesmo tempo em que parece que o dinheiro é importante, suas ações demonstram que não, pois ele pega um falso livro (porque é oco) intitulado: "Simulacro e Simulação", e seleciona um disquete no qual está gravado um programa pirata desenvolvido por ele; após, coloca displicentemente o dinheiro dentro do livro.

Podemos pensar também que o computador, ao mesmo tempo em que é um instrumento de controle, começa a ser um instrumento de libertação, sendo a libertação o que desvenda o olhar para o exercício do livre-arbítrio.

Neste ínterim, pode-se visualizar de uma maneira mais ampla os aposentos de Neo que indicam um lugar banhado por uma luz difusa e sombria, causando a noção de abandono e desordem. Apesar de todas essas sensações, ele se mostra muito à vontade e se localiza muito bem no recinto. Neo entrega então o disquete para Choi.

CHOI- Aleluia. Você é meu salvador, cara. O meu Jesus Cristo.

NEO- Se for pego usando isso...

CHOI- Eu sei. Nunca nos vimos. Você não existe.

NEO- Certo.

CHOI- Algum problema, cara? Está mais pálido hoje.

NEO- O meu computador. Você já se sentiu como... se não soubesse se está acordado ou sonhando?

CHOI- O tempo todo. Chama-se mescalina. É a melhor forma de voar.

Mescalina é um alucinógeno encontrado em certos tipos de cactos; este alucinógeno ficou famoso graças ao livro de Carlos Castañeda "A erva do diabo", nos anos 70. Como todo alucinógeno, este também provoca estados alterados de consciência, que, com orientação

adequada e com muita responsabilidade, podem trazer experiências transcendentais. Por outro lado, se utilizado inadequadamente, para “viajar”, deixa o usuário dependente e alienado.

- Você precisa sair um pouco, cara. Um pouco de agitação? O que você acha, Dujour? Vamos levá-lo conosco?

DUJOUR- Com certeza.

NEO- Não posso. Preciso trabalhar amanhã.

DUJOUR- Vamos. Vai ser divertido. Eu prometo (vira-se de lado e deixa à mostra sua tatuagem de coelho, de um coelho branco).

Neo visualiza a tatuagem e diz: Sim. Claro, eu vou.

O paradigma estabelecido com a ciência moderna - Positivismo - determina o modo de funcionamento da sociedade e da atividade humana, no qual a previsibilidade se associa à certeza dos resultados esperados. Nesse entendimento de previsibilidade e controle das variáveis, o medo é construído a partir da certeza de que existe o controle sobre os comportamentos, as ações e os resultados; ou seja, todas as variáveis estão sob seu domínio. No entanto, o cotidiano é dinâmico e o ser humano não é pré-determinado, os resultados de sua ação não podem ser totalmente previsíveis.

Diante de uma situação de incertezas, o medo se estabelece como construção social e política fazendo com que o ser humano se torne escravo de si mesmo e do sistema ao qual pertence. Como escravo de si mesmo, o ser humano se recusa a ir além daquilo que se apresenta diante dele é como se estivesse diante de um “xeque” existencial, ou seja, diante de um impasse, cuja consequência é a estagnação.

Escravo do sistema ao qual pertence, o ser humano não tem autonomia de ação, suas ações são programadas de acordo com a ordem vigente, porque todo aquele que rompe com o estabelecido sofre consequências e represálias dos seus semelhantes, já que estes não compreendem o que está sendo feito e não abrem espaço para compreender. Na natureza ocorre algo semelhante em inúmeras espécies, quando existe um filhote fraco, esse filhote é jogado para fora, descartado justamente por não se assemelhar ao conjunto, essa é uma “seleção natural”.

Para Krishnamurti, “nós criamos autoridade – a autoridade do Estado, da polícia, a autoridade do ideal, a autoridade da tradição”. Quando quero fazer algo e meu pai proíbe, tenho que obedecê-lo, se não ele pode se zangar, mas dependo dele para o alimento. Ele exerce seu

controle através do medo. “Portanto, ele se torna a sua autoridade”. Da mesma maneira, somos controlado pela tradição – ao usarmos determinadas roupas para certas ocasiões, ao precisarmos fazer isso e não aquilo. “Há livros que nos dizem o que fazer, nossos pais nos dizem o que fazer, a sociedade e a nossa religião nos dizem o que fazer. E o que acontece com a pessoa? Fica esmagada. Ela nunca pensa, age, vive vitalmente, pois tem medo de todas essas coisas”. Quem vive nessa situação alega ter que obedecer para não ficar desorientado. O que quer dizer isso? Quer dizer que, “criamos a autoridade porque estamos procurando um modo seguro de conduta, uma forma segura de viver”. (KRISHNAMURTI, 1998, p. 38).

Mas, por outro lado, não percebemos que a ingênua busca pela segurança cria a autoridade e, assim, nos tornamos escravos, incapazes de pensar e de criar. Quando se fala especificamente sobre o medo, é comum pensarmos que todas as pessoas querem ter certezas em todos os sentidos, mas esta certeza se relaciona ao controle, porque viver é estar diante de incertezas, uma vez que não é possível saber o que acontecerá nos próximos segundos, quanto mais ao longo de uma existência.

No filme “Matrix”, Neo demonstra ter medo da previsibilidade e, conseqüentemente, medo de se assumir como escolhido. É possível pensar que este medo se relacione com a vontade de ter o controle sobre sua própria vida, uma vez que Neo afirma categoricamente que: “controla sua própria vida”, por isso não acredita nesse “papo furado” de destino. Assim, se mantém titubeante. É a própria humanidade do homem que rompe com a determinação, fazendo com que ele se liberte de suas amarras internas, pois estas amarras são o que o mantém prisioneiro de si mesmo, são elas que causam insatisfação na vida.

O filme Matrix, como todo filme, tem muitos aspectos positivos e outros que não são muito apreciáveis. O filme se mostra em muitos momentos como filme de ação, e vejo que, como todo filme hollywoodiano, acaba se perdendo nos excessos de efeitos especiais. Acaba deixando de explorar a poesia que é sugerida na sua temática ampla e abrangente. De acordo com Tarkoviski,

há alguns aspectos da vida que só podem ser reproduzidos fielmente pela poesia. Mas é exatamente aí que muitos diretores costumam recorrer a truques convencionais, em vez de fazerem uso da lógica poética. Estou pensando no ilusionismo e nos efeitos extraordinários usados em sonhos, lembranças e fantasias. É por demais comum no cinema que os sonhos deixem de ser um fenômeno concreto da existência e

se transformem numa coleção de antiquados truques cinematográficos (TARKOVSKI, 1998, p. 31).

Sabemos por que ocorre isso, é porque as produtoras de cinema se transformaram em grandes indústrias voltadas ao lucro e, para isso, exploram os filmes em seus aspectos vendáveis e atrativos para o grande público, que não é muito exigente no que diz respeito à qualidade.

CAPÍTULO 4 - A PROVA DA FÉ

Neo estava dormindo e seu relógio desperta às 9:18hs. A somatória é nove, que lembra o tempo de desenvolvimento do feto, em meses, para "ganhar a luz", nascer. Mas Neo ainda não está pronto para o renascimento, isso o aborrece, porque está atrasado para o trabalho.

Ao chegar, vai direto conversar com o chefe. Na sala do chefe são mostrados, em primeiro plano, limpadores de vidro em ação. Ao falarmos de vidro estamos nos referindo a vidros específicos que são mostrados nesta cena do filme, e que são lisos e transparentes. Para Matos (1993), o vidro é a expressão paradigmática de um mundo em que os olhos perdem a capacidade de olhar. Esta perda, segundo Benjamin, é própria das grandes cidades, das metrópoles modernas onde se dá o desaparecimento das referências visuais (Apud. Miranda. 1996, p.51). Neo aparenta estar um pouco incomodado com os limpadores.

Continuamos com Benjamin, em seu texto "Experiência e Pobreza"; este autor escreve sobre o vidro, abordando a tendência do homem burguês em apagar os vestígios de sua experiência e o desejo de "libertar-se de toda experiência". O vidro é também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não tem aura. O vidro é, em geral, inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade. (BENJAMIN, 1933, p. 117).

No filme, podemos pensar que a limpeza do vidro se relaciona com a clareza que Neo precisa ter diante de decisões que devem ser tomadas. Ele deve se enquadrar ao sistema em que está inserido ou mudar o rumo da própria vida, indo para outro trabalho inclusive. O vidro também, ao mesmo tempo em que é uma barreira, também é frágil porque é quebrável; podemos pensar, então, que nada é permanente, tudo é transitório.

CHEFE- Você não aceita autoridade, Sr. Anderson. Você se acha especial, como se as regras não se aplicassem a você. Obviamente está enganado. Esta é uma das maiores empresas de *software* do mundo, porque cada funcionário entende que faz parte de um todo.

No capitalismo podemos até fazer parte de um todo, mas não é permitido ter identidade própria.

Enquanto o chefe fala com Neo, este, em muitos momentos, observa a limpeza que está sendo realizada nos vidros .

CHEFE - Logo, se um funcionário tem problema, a empresa tem problema. Chegou a hora de fazer uma escolha, Sr. Anderson. Ou você escolhe estar à sua mesa no horário a partir de hoje... Ou você escolhe achar outro emprego. Eu fui claro?

NEO- Sim, senhor. Perfeitamente claro.

Na seqüência, Neo está sentado à sua mesa, chega o carteiro e pergunta:

CARTEIRO- Thomas Anderson?

NEO- Sim, sou eu.

Neo assina, confirmando o recebimento do pacote.

CARTEIRO- Tenha um bom dia. (Pode-se ter a impressão de que o mensageiro estava antevendo o que aguardava Neo, por isso desejou bom dia tão enfaticamente).

Então, Neo recebeu um envelope lacrado e, ao abri-lo, encontra um telefone celular; ao pegá-lo, para seu espanto, o mesmo toca em seguida. Neo o atende.

NEO- Alô.

MORFEU -Alô, Neo. Sabe quem está falando?

NEO- Morfeu.

MORFEU- Sim, eu andava à sua procura. Não sei se você está pronto para o que tenho para lhe mostrar; mas, infelizmente, nós dois não temos mais tempo. Eles irão buscá-lo aí e não sei o que vão fazer.

Podemos pensar, sobre isso, que nunca saberemos se estamos prontos ou não, mas, por outro lado, a situação que se nos apresenta e o nosso engajamento a ela podem nos mostrar se estamos preparados para enfrentar literalmente os desafios que surgem ao longo de nossas vidas.

NEO- Quem vem me buscar?

MORFEU- Levante-se e veja você mesmo.

NEO- Como? Agora?

MORFEU- Sim. Agora. Levante-se devagar. O elevador.

Neo até então se mantinha abaixado para não ser visto. Então, levanta-se devagar, olha em direção ao elevador e avista dois homens de terno escuro, com óculos de sol; ele ainda não sabe,

mas trata-se dos agentes da Matrix, cuja incumbência é de mantê-la funcionando na mais perfeita ordem possível; ele se abaixa mais, pois está muito assustado com tudo o que está acontecendo.

NEO- Droga.

NEO- O que eles querem?

O tempo todo Neo conversa com Morfeu ao telefone.

MORFEU- Não sei. Se não quer descobrir, sugiro que saia daí.

NEO- Como?

E novamente Neo se abaixa para se esconder.

MORFEU- Posso guiá-lo, mas precisa fazer o que eu mandar. O cubículo à frente está vazio.

Os agentes da “Matrix”, com ar ameaçador, caminham para encontrá-lo, acompanhados de vários policiais; é uma situação totalmente amedrontadora.

NEO- Mas e se eles...

MORFEU- Vá. Agora.

Neo corre, abaixado, para o cubículo que está à sua frente com o telefone celular ao ouvido, atento às orientações de Morfeu.

MORFEU- Fique aí só um pouco.

Os agentes chegam ao cubículo de Neo e encontram-no vazio; se entreolham e continuam a procurá-lo.

MORFEU- Quando eu mandar, vá até o fim do corredor, até a sala no fim do escritório. Vá bem agachado.

Neo está muito assustado diante do imprevisível.

MORFEU- Vá agora.

Neo sai abaixado, se depara com um policial que está de costas para ele e vai em direção à sala no final do corredor; chega nela, se levanta, abre a porta e entra.

MORFEU- Ótimo. Agora lá fora, há um andaime.

Neo está muito confuso diante de tantos detalhes que Morfeu está passando pelo celular, porque ele não entende como isso é possível tudo isso.

NEO- Como você sabe disso?

MORFEU- Não temos tempo. À sua esquerda há uma janela. Vá até ela.

Neo caminha até a janela; está meio assustado e ofegante.

MORFEU- Abra. Suba no andaime até o topo.

NEO- De jeito nenhum!, indignado com a situação. - Isso é loucura!

MORFEU- Há duas formas de sair daí. Uma é pelo andaime e a outra é levado por eles. Nas duas há um risco. Você escolhe.

Neo está completamente incomodado com a situação.

NEO- Isto é loucura. Por que está acontecendo comigo? O que eu fiz? Não sou ninguém. Eu não fiz nada. Eu vou morrer.

Neo abre a janela e olha para fora, sua aparência é a de alguém que está apavorado com a situação e mais ainda com a altura do prédio onde está; então, retorna para dentro da sala após olhar para baixo. “Droga”. Sai de novo, anda pelo beiral das janelas e o vento sopra forte; seus cabelos e roupas estão esvoaçantes. Neo visualiza o andaime, mas tem que transpor uma coluna de difícil passagem, então, olha para baixo e a câmera faz uma tomada panorâmica para baixo, mostrando toda altura do prédio.

Neo se apavora e deixa cair o celular, o qual vai fazendo piruetas lentas até ganhar velocidade. Pode-se até pensar sobre o que significa essa situação, já que até este momento, essa era a única ligação que ele tinha com Morfeu; bem como sobre o que isso significa para ele: uma ajuda num momento em que ele não sabia exatamente o que estava acontecendo e nem entendia o que se passava.

NEO- Eu não consigo.

Podemos pensar também que Neo não estava preparado, mas, ao afirmar que não consegue, toda e qualquer chance de sair do prédio com o auxílio de Morfeu se esvai e ele é levado pelos agentes e policiais que o conduzem algemado para fora do prédio, levando-o de carro para algum lugar.

Podemos fazer um paralelo com a cena do filme “V de Vingança” (2006), quando “V” faz um discurso¹² chamando à razão a população de Londres que está vivendo sob o jugo de um governo tirânico do Chanceler Adam Sutler, lembrando que, sozinho, ninguém faz nada mas, com auxílio e orientação, podemos fazer muito:

¹² Discurso proferido pelo personagem “V” no filme V de Vingança.

“Eu, como muitos de vocês, aprecio os confortos do dia-a-dia, a segurança familiar, a tranquilidade da rotina. Gosto disso como todo mundo.

Mas, no espírito da comemoração em que eventos do passado, associados à morte de alguém ou ao fim de uma luta terrível, são comemorados como um belo feriado, pensei em marcar este 05 de Novembro. Um dia que infelizmente já foi esquecido, aproveitando um pouco o tempo de vocês para bater um papo. Há aqueles que não querem que falemos. Desconfio que estejam dando ordens ao telefone e homens armados virão logo. Por quê? O governo pode usar da violência em vez do diálogo, mas as palavras sempre manterão o seu poder. As palavras oferecem um significado e, para aqueles que ouvem, a enunciação da verdade. E a verdade é que há algo terrivelmente errado com o país. Crueldade e injustiça, intolerância e opressão. Se antes você tinha liberdade de se opor, pensar e falar quando quisesse, agora você tem sensores e câmeras, obrigando-o a se submeter.

Como isso aconteceu? Quem é o culpado? Há alguns mais responsáveis que outros e eles vão arcar com as conseqüências mas, a verdade seja dita, se procuram culpados, basta vocês se olharem no espelho. Eu sei por que vocês fizeram isso. Sei que tinham medo. Quem não teria? Guerra, terror, doença. Uma série de problemas se juntaram para corromper sua razão e afetar seu bom senso. O medo dominou vocês e vocês recorreram ao novo alto chanceler. Adam Sutler. Ele prometeu ordem. Prometeu paz. Tudo o que ele pediu em troca foi seu consentimento silencioso.

Ontem tentei dar fim ao silêncio. Ontem eu destruí o Old Bailey para lembrar o país do que foi esquecido. Há 400 anos, um grande cidadão quis gravar o 05 de Novembro para sempre em nossa memória. Ele queria lembrar ao mundo que imparcialidade, justiça, liberdade são mais que palavras. São perspectivas. Então, se vocês não viram nada, se desconhecem os crimes deste governo, sugiro que deixem o 05 de Novembro passar em branco. Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que sinto e se buscam o que eu busco, peço que estejam ao meu lado, daqui a um ano, na entrada do Parlamento, e juntos, daremos um 05 de Novembro que nunca, jamais será esquecido”.

Como dissemos acima, o fato de citar esse discurso é só para que reflitamos juntos; quando estamos sós, podemos fazer algumas coisas, mas, quando estamos seguindo orientações ou trabalhando em conjunto, o esforço é menor, embora não deixe de existir, se torna mais suave. No caso de Neo, seguindo as orientações de Morfeu, a sua trajetória se torna mais amena.

Podemos pensar, com muita propriedade, que não é possível ter certeza de nada na vida, porque isso é da própria vida. Mas viver, podemos pensar também, é a maior prova de fé que alguém pode manifestar, justamente por não sabermos quais os caminhos que se apresentarão diante de nós. Viver é caminhar por veredas completamente desconhecidas. É saber que estamos rumando na direção do desconhecido. Portanto, o caminho da vida se faz com e na própria vida, ele não está pronto e acabado. Ele começa no momento em que estamos nele. Podemos pensar que é isso que Morfeu quer mostrar para Neo.

Quando Neo se encontra com Morfeu, ele percebe que está diante de alguém que jamais conheceu ou viu em sua vida. E, portanto, está vivendo uma grande interrogação, porque não entende o que está acontecendo ao seu redor. Morfeu é como um farol na vida de Neo. Diferente do que muitos dizem, o farol não nos mostra o caminho a seguir, ele nos mostra o caminho que não temos que seguir, para não nos chocamos contra o rochedo que se mostra adiante. Morfeu é, para Neo, uma referência de ação, no sentido de Neo se autoconhecer e fazer o que tem que ser feito para caminhar na direção do autoconhecimento.

Então, fazendo-se uma referência ao mito de Morfeu, Neo não sabe se está acordado ou dormindo. Morfeu, por outro lado, sabe exatamente o porquê está acordado, e, então, apresenta duas opções de pílulas para Neo. E Neo tem que fazer uma escolha: a pílula azul ou a vermelha. Se a opção for a azul, ele voltará para casa e poderá pensar no que quiser; mas, se a opção for a vermelha, Morfeu mostrará a realidade como ele nunca a viu, ou seja, o que há fora da caverna¹³.

Esta cena é uma das principais de todo o filme, pois é o momento em que Neo tem que fazer uma escolha séria exercendo o seu livre-arbítrio e, a partir dela, assumir as conseqüências da decisão tomada - o que pode mudar sua vida totalmente. Morfeu então lhe diz: "Esta é sua última chance. Depois disso não há como voltar. Se tomar a pílula azul a história acaba e você acordará na sua cama acreditando no que quiser acreditar. Se tomar a pílula vermelha, ficará no País das Maravilhas e eu te mostrarei até onde vai a toca do coelho. Lembre-se: tudo que ofereço é a verdade. Nada mais." Neo faz a opção pela pílula vermelha. "Siga-me", diz Morfeu.

Nesta cena, podemos perceber o papel de Morfeu: ele também é um personagem muito importante do filme, transmite ensinamentos para Neo, apresenta opções de caminho e também acolhe Neo; todos esses elementos reunidos fazem com que pensemos em Morfeu como um Grande Mestre Espiritual, que não pede nada em troca. É sabido que, através das antigas

¹³ Platão. A República.

tradições, cumprir nosso papel existencial com amor nos faz crescer e nos desenvolver espiritualmente.

Então, Neo acompanha Morfeu e ambos adentram uma sala anexa ao local onde estavam. Morfeu convida Neo para sentar-se numa cadeira específica para que pudessem interromper o sinal da Matrix; essa interrupção permite libertá-lo do seu julgo. Sentado na cadeira, a primeira coisa que ele vê é sua imagem refletida num espelho, meio distorcida e fragmentada; em seguida, a vê novamente e esta vai se compondo mais nitidamente. Quando Neo vê sua imagem decomposta e fragmentada, podemos pensar que é o reflexo do seu próprio interior e, quando sua imagem se recompõe, é a nova forma que ele pode adquirir, entrando em contato consigo mesmo. Ao voltar-se para dentro de si, é como se retornasse ao útero para renascer no “mundo real”.

Refletindo sobre o significado do espelho, podemos pensar que, simbolicamente, o espelho é(;) um objeto de inúmeras especulações. Sua superfície lisa, dura e fria oferece-nos nossa própria face à admiração. Os espelhos criam representações do nosso próprio rosto sem o olhar de um outro, como na pintura, e sem o olhar de uma máquina, como na fotografia e nas cinematografias.

O espelho não apenas simboliza revelação - ligada às idéias de previsão, conhecimento e verdade; o espelho, enquanto revela, também oculta, pois a revelação se dá em relação a algo que está oculto. O espelho pode, desta forma, ser tanto objeto de revelação quanto de ocultação.

Refletimos um pouco mais sobre o espelho: revelação e ocultação. Segundo Burckhardt, um dogma do budismo T'chan do Norte, afirma:

Todos os seres possuem na origem a iluminação espiritual, do mesmo modo pelo qual é da natureza do espelho resplandecer. Se, ao contrário, as paixões ocultam o espelho, este fica então invisível, como se fosse recoberto de poeira. Se os pensamentos perversos são dominados e destruídos, segundo as indicações do Mestre, eles cessam de manifestar-se. Então o espírito será iluminado, segundo a sua própria natureza, e nada permanecerá oculto. É como o polimento de um espelho... (Tsung-mi). (MIRANDA, 2000, p. 71)

Burckhardt (1997), citado por Miranda (2000), estabelece um confronto deste dogma budista com as palavras do profeta Maomé: “Eis um meio para polir e limpar tudo da ferrugem. E o que serve para polir o coração, é a recordação de Deus”.

Ainda citando Miranda (2000), Burckhardt (1997) comenta o seguinte, a respeito destas duas citações:

“O coração, o verdadeiro centro do ser humano é, portanto, como um espelho que deve ser puro para poder receber a luz do espírito divino.

Quando o coração torna-se um espelho puro, então o mundo pode aí refletir-se como realmente é, ou seja, sem as deformações derivadas dos pensamentos passionais. De outra parte, o coração reflete a verdade divina de um modo mais ou menos direto, ou seja, primeiro sob a forma de símbolos, depois sob a forma de qualidades espirituais ou de entidade, que são a base dos símbolos, e finalmente como verdade divina” (BURCKHARDT 1997 apud MIRANDA, 2000, p71).

O espelho aqui está relacionado ao coração, ao pensamento e à Pureza. O polimento e a limpeza da ferrugem associam-se ao domínio e à destruição dos pensamentos perversos, associados, por sua vez, às paixões. É da natureza do espelho resplandecer ou refletir a luz. O ato de polir o espelho simboliza, no caso do profeta Maomé, o ato de polir o coração e, no caso do dogma budista, o ato de polir o pensamento. A reflexão da luz no espelho associa-se assim à iluminação espiritual, ao conhecimento verdadeiro e “divino” de si e do mundo. Podemos dizer que o espelho revela porque reflete a luz, e, quando ocultado pelo ódio ou pelos pensamentos perversos, torna-se invisível (Miranda, 2000, p.72)

Vemos como o sentido de revelação, em relação ao espelho, exige um ato de limpeza e polimento – que envolve, em última instância, conhecimento e/ou sabedoria. O espelho só pode revelar ou refletir a luz se estiver preparado para isso, ou seja, limpo e polido; o que nos remete à idéia de que há necessidade de uma preparação prévia para que o espelho se torne revelador da luz.

Após a cena do espelho, Neo se encontra dentro de algo que se assemelha a um útero. Então, chegada a hora do seu nascimento, ele começa a realizar movimentos com a intenção de romper a bolsa uterina, algo como um casulo, para poder “nascer”. Romper o “casulo” é como ganhar a luz. Ao mesmo tempo em que ganha a luz, é expelido para fora do casulo ao qual sempre esteve aprisionado. Então, como que saindo do canal vaginal, sai para fora com todo o líquido amniótico contido no útero e, então, é recolhido pelos membros da Nave Nabucodonosor, cujo nome é o mesmo do Rei babilônico que provocou o cativeiro dos judeus e também construiu a Torre de Babel e os Jardins Suspensos da Babilônia. Após receber cuidados e alimentação, é

convidado a conhecer a Nave, então é mostrada, sutilmente, a placa de inauguração da Nave com uma referência Bíblica¹⁴: “E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: Tu és o filho de Deus!” (Marcos, cap.3, vers. 11) Tudo o que é mostrado no filme, se apresenta de uma maneira simbólica; no caso da Nave, podemos pensar que ela anuncia grandes profecias.

O que acontece com Neo é um renascimento, porque agora ele vai conhecer o mundo real, o que há fora da caverna. Ao renascer, ele se tornará alguém que reconhece que existe um caminho a ser trilhado. Um mundo novo de possibilidades se apresenta a ele.

Nesta cena, Neo começa a fazer uso de seu livre-arbítrio, ou seja, tem a opção de percorrer o caminho a ser trilhado e estabelecer um compromisso consigo mesmo. Também é falado algo em relação à toca do coelho, do livro de Carroll (2005): Alice no País das Maravilhas. Quando se entra na toca do coelho, é como se estivesse realizando um mergulho no desconhecido é a busca para se saber o que há nesse local, é o começo de respostas para as dúvidas que tanto afligem o buscador; e o que significa essa toca? Podemos dizer que representa o desconhecido, aquilo que não dominamos, que não controlamos e que nos causa medo.

Falando ainda sobre a toca do coelho, quando temos clareza do que queremos para nossas vidas, fica mais fácil saber que rumo iremos tomar. Com clareza, podemos mergulhar irrestritamente nela, porque o mínimo que pode acontecer é algo de diferente, e o máximo é algo conhecido; então o que nos espera nesta toca? Algo que podemos descobrir somente entrando nela; não há como supor o que ainda não conhecemos. As possibilidades são inúmeras, é preciso caminhar. O que significa dar o primeiro passo? Dar um salto em direção ao desconhecido, sem saber aonde se vai chegar, ou quando e de que maneira. Isso é a mais fantástica prova de fé que alguém pode dar em relação à vida porque ninguém tem certeza de nada além de que nasceu, e que vai morrer um dia.

A fé é uma virtude teologal, que se associa ao livre arbítrio; fé em si mesmo e fé em algo maior, o Inexplicável.

Temos outra cena: do treino de luta, que é mais do que uma luta, é o fortalecimento do corpo para se obter o controle da mente e a fé em si mesmo. Morfeu fala para Neo: “quero libertar a sua mente Neo, mas só posso te mostrar a porta. Você tem de atravessá-la”. Novamente Neo se depara com o “chamado” ao livre arbítrio, pois de acordo com sua decisão, ou aceita a superioridade de Morfeu ou entra em contato com tudo o que Morfeu apresenta como

¹⁴ Bíblia de Jerusalém, 1996.

possibilidade e, desta forma, liberta sua mente dos próprios limites conhecidos e estabelecidos por ele mesmo, mesmo não tendo clareza disso.

Nova seqüência, no treinamento de salto:

MORFEU - Você precisa livrar-se Neo... do medo da dúvida e da descrença. Liberte a sua mente” - para encarar novos desafios.

Através do fortalecimento das virtudes da fé, coragem e crença, podemos entrar em contato com nossa essência e, a partir daí, cumprir nosso verdadeiro papel existencial; papel que somente quem está imbuído em descobri-lo tem acesso a ele.

Na seqüência em que Morfeu apresenta a Matrix para Neo e passa uma mulher de vestido vermelho, Morfeu fala: “Você precisa entender que a maioria dessas pessoas não está pronta para acordar”. E muitas estão tão inertes, tão dependentes do sistema que vão lutar para protegê-lo. Isto se apresenta de uma forma muito clara em relação ao não engajamento político, pessoal, social, pois é comum observar que as pessoas, de uma maneira geral, aceitam suas vidas de uma maneira conformada, sem atentar para que dependem de suas próprias ações para conquistar uma vida melhor.

Utilizando novamente a citação de Cypher: “A ignorância é maravilhosa”. As pessoas acreditam no que querem acreditar e, assim, a vida tem o enfoque de suas próprias crenças. Porque, a partir de suas próprias crenças conduzirão suas vidas. Uma pequena lembrança deve ser feita: a vida é muito fugaz e, na sua fugacidade, se ficamos presos nas aparências, cultivando apenas o corpo físico, podemos pensar que agir assim, um desperdício existencial.

A caminho do Oráculo, Morfeu fala para Neo: ”Eu te disse que só posso te mostrar a porta. Você tem de atravessá-la”. Novamente, Neo tem que confirmar sua decisão, e essa decisão se relaciona ao livre-arbítrio; ele abre a porta e entra.

Então, diante do Oráculo:

ORÁCULO- Sabe o que isto diz? É latim. Diz: “Conhece-te a ti mesmo”.

Você tem o dom, mas parece que você está esperando por algo.

NEO- O quê?

ORÁCULO- Sua próxima vida, talvez. Quem sabe? Essas coisas são assim. Mas não se preocupe. Assim que você passar por aquela porta vai começar a se sentir

melhor. Vai lembrar que não acredita nesse papo furado de destino. Você controla sua própria vida. Lembra?

Novamente Neo se depara com a situação na qual ele fica frente a frente com a questão do livre-arbítrio, e isso fermenta dentro de seu interior de uma maneira muito intensa, como podemos perceber ao longo de outras cenas.

Nova seqüência. Quando Neo volta para a nave, após Morfeu ser aprisionado pelos agentes e ser levado para um prédio militar, ele fala:

NEO- Não pode ser só coincidência.

TANK- Do que está falando?

NEO- O Oráculo. Ela me disse que isso aconteceria. Ela me disse que eu teria de fazer uma escolha...

TRINITY- Que escolha? O que vai fazer?

NEO- Vou entrar.

TRINITY- Não vai, não.

NEO- Eu preciso.

TRINITY- Morfeu se sacrificou para que pudéssemos salvá-lo. Você não vai entrar lá de jeito nenhum.

NEO- Morfeu fez isso porque acreditava que eu fosse algo que não sou.

TRINITY- Como?

NEO- Não sou o escolhido. O Oráculo me disse isso.

TRINITY- Não, você tem que ser.

NEO- Sinto muito, não sou. Sou um cara normal.

TRINITY- Não, Neo, não é verdade. Não pode ser verdade.

NEO- Por quê?

TANK- Isso é loucura. Estão com Morfeu num prédio militar controlado. Mesmo se você entrasse, há três agentes protegendo-o. Eu também quero Morfeu de volta, mas isso seria suicídio.

NEO- Sei que parece isso, mas não é. Não sei explicar porque não é. Morfeu acreditava em algo, estava pronto para dar a vida por isso. Agora eu entendo. Por isso tenho de ir.

TANK- Por quê?

NEO- Porque eu acredito em algo.

TRINITY- No quê?

NEO- Acredito que posso trazê-lo de volta.

TRINITY- Neo, ninguém jamais fez algo assim.

NEO- Por isso vai dar certo.

Novamente, Neo se encontra diante de um impasse existencial: sou eu quem controla a minha própria vida, ou existem forças desconhecidas que agem por mim e através de mim?

Trinity tinha certeza de que Neo era o escolhido porque o Oráculo havia profetizado que ela amaria o escolhido, então tinha que ser o Neo porque ela o amava.

Após o resgate com êxito, Morfeu e Neo conversam:

NEO- Morfeu... O Oráculo... Ela me disse...

MORFEU- Ela lhe disse... O que você precisava ouvir. Só isso. Cedo ou tarde você vai perceber, como eu, que há uma diferença entre conhecer o caminho e percorrer o caminho.

Este é um dos principais momentos do filme, porque mostra a trajetória de Neo com consciência de que o caminho que ele está trilhando não é conhecido por ninguém, mas, ao mesmo tempo, sabe-se da existência do mesmo. O caminho se faz na caminhada. E só é possível percorrer este caminho porque ele acredita em si e no seu potencial de ação, no compromisso que estabelece consigo.

Morfeu conclui, após o resgate triunfal, que ele é o escolhido.

Neo, após ter se descoberto como um ser fantástico, especial e que está trilhando o caminho do autoconhecimento, conversa com alguém ao telefone: "Sei que está aí. Eu sinto você agora. Sei que está com medo. Está com medo de nós. Está com medo de mudanças."

MATRIX- Falha no sistema.

NEO- Não conheço o futuro. Eu não vim aqui dizer como isso vai acabar. Eu vim aqui dizer como isso vai começar.

Ao proferir isso, Neo nos mostra que realmente vivemos num mundo de possibilidades, mais do que de previsibilidade, e que a trajetória do autoconhecimento é toda “recheada” de experiências; que, nesta jornada para se adquirir as experiências, ela é única, exclusiva e intransferível. Por mais que duas pessoas trilhem caminhos parecidos, eles nunca serão os mesmos para ambas, porque cada ser humano tem uma forma de ver o que se lhe apresenta no caminho, a partir de sua própria ótica. Nosso desafio é ver isso da forma mais ampla possível, para colocarmos em prática todo o potencial de autoconhecimento de que dispomos; um potencial a respeito do qual não se tem uma prescrição exata de como será, porém, cedo ou tarde, todas as pessoas constroem seu próprio caminho, porque isso é uma demanda do próprio ser humano: o aprimoramento pessoal.

Existe um caminho que podemos seguir; se por qualquer motivo nos desviamos, não é possível simplesmente pular de volta para o caminho anterior que estava sendo trilhado, é necessário ter humildade suficiente para reconhecer esta situação e voltar ao ponto no qual houve a ruptura.

Como diz Neo, em um trecho acima: “Não conheço o futuro. Eu não vim aqui dizer como isso vai acabar. Eu vim aqui dizer como vai começar”. É o que penso sobre tudo o que está ao nosso redor; não dá para se ter certeza de como as coisas serão, o que dá para imaginar é que tudo o que está ao nosso redor tem um propósito e, por isso, vejo que é importante esta trajetória de autoconhecimento. Com isso fazemos da nossa existência algo que tenha sentido, algo que seja importante, senão será apenas como se estivéssemos brincando de ser gente, mas agindo como animais instintivos, cuja preocupação maior é apenas a proliferação e a fixação nos instintos básicos: alimentação e reprodução.

Essa vida é muito mais do que simplesmente comer, beber e dormir(,); para ilustrar, podemos citar a cena em que Cypher está jantando ao lado do agente Smith num restaurante e diz:

CYPHER- Sabe... Sei que este bife não existe. Sei que quando o coloco na boca, a Matrix diz ao meu cérebro que ele é suculento e delicioso. Após nove anos, sabe o que percebi? A ignorância é maravilhosa.

Penso que estamos em constante aprendizado. E este aprendizado é o que nos torna tão especiais porque a experiência que podemos adquirir com ele é que nos aprimora como seres

humanos inteligentes, dotados de um potencial de ação que pode nos levar muito além de onde estamos neste momento.

É importante destacar, novamente, que Cypher, ao optar por voltar para a Matrix, faz com conhecimento do que encontrará em seu caminho, e ao fazer isso, com toda a certeza está fazendo uso do seu livre-arbítrio.

Por outro lado, o que Morfeu faz é a desconstrução da realidade, ou seja, nos mostra uma vida sem controle externo, apenas com o “controle” do qual nós podemos (conscientemente) fazer uso conscientemente.

Diante de todo o nosso potencial de ação, a impressão que dá é que estamos esperando algo acontecer. O que estamos esperando? É a aparição mágica de uma Fada ou um grande Mago que, com suas varinhas encantadas, resolverão todos os nossos conflitos internos e todos os nossos problemas existenciais? Ou então vamos fazer alguma coisa por nós mesmos, sem esperarmos algo miraculoso e externo acontecer para mudar ou não nossas vidas para sempre? Lembrando que este “para sempre” é algo que ocorre somente nos contos de Fada, porque sabemos que a realidade é completamente diferente disso. Na realidade, tudo depende de cada um de nós, porque nossos atos não são isolados, nossas ações têm conseqüências totais sobre nossas vidas e sobre a de todos os que se relacionam conosco.

A libertação de Neo ocorre quando ele entende, de uma maneira muito mais ampla, que é o medo da previsibilidade e a insatisfação que o mantinham preso em “Matrix”, e este medo era causado pela maneira como ele interagia com a “Matrix” e por não aceitar que o fluxo da vida pertence à própria vida, está além do controle humano. Quando Neo entende este sentido mais profundo, ele percebe que estava numa prisão, estava preso na “Matrix” que existia dentro dele mesmo e que havia sido construída na sua formação como ser humano. Então Neo percebe que o mesmo instrumento de controle começa a ser o instrumento de libertação.

CAPÍTULO 5 – O AMOR COMO FONTE DE TRANSFORMAÇÃO

Vamos procurar entender um pouco o que é o amor. Será que sabemos o que é o amor? Vocês amam seus pais, seus irmãos, seus professores, seus amigos? Vocês sabem o que significa amar? Quando dizem que amam seus pais, o que significa isso? Vocês se sentem seguros com eles, sentem-se à vontade com eles? Seus pais os estão protegendo, eles lhes dão dinheiro, abrigo, alimento e roupas, e vocês têm, com respeito a eles, uma sensação de relação íntima, não é verdade? Vocês também sentem que podem confiar neles – ou talvez não. Provavelmente vocês não falam com eles tão fácil e alegremente como o fazem com seus amigos. Mas o respeitam, são guiados por eles, os obedecem sentindo que deverão apoiá-los quando eles estiverem velhos. Eles, por sua vez, os amam, desejam protegê-los, guiá-los, ajudá-los – ao menos assim o dizem. Desejam vê-los casados, com marido, esposa e filhos, para que levem uma chamada vida moral e fiquem fora de problemas. Isso tudo se chama amor, não é?

Não podemos dizer de imediato o que é o amor, porque o amor não é facilmente explicável por meio de palavras.

Para a maioria de nós, o amor é uma coisa extraordinariamente difícil de entender, porque nossas vidas são muito vazias. Queremos ser amados e também queremos amar, embora por trás dessa palavra haja um medo oculto. Então, não será importante para cada um de nós descobrir o que é realmente essa coisa extraordinária? Só poderemos descobrir isto se tivermos consciência de como consideramos os outros seres humanos, de como olhamos para as árvores, para os animais, para um estranho, para o faminto. Temos que ter consciência de como encaramos nossos amigos, de como consideramos nossos pais.

Quando vocês dizem, “Amo meu pai e minha mãe, amo meu guardião, meu professor”, o que isto significa? Quando vocês respeitam e consideram alguém tremendamente, quando acham que devem obedecer-lhe e esse alguém, por sua vez, espera obediência de vocês, será isso amor? O amor será apreensivo? Certamente, quando vocês consideram muito alguém, também desconsideram muito alguma outra pessoa, não é? E será isso amor? No amor haverá alguma sensação de consideração ou desprezo, alguma compulsão para obedecer os outros? Se for assim, onde estará o nosso livre-arbítrio?

Quando vocês dizem que amam alguém, não dependem interiormente dessa pessoa? Enquanto forem crianças, naturalmente dependerão de seus pais, de sua professora, de seus

guardiões. Eles precisam cuidar de vocês, alimentá-los, vesti-los e abrigá-los. Vocês precisam ter a sensação de segurança, a sensação de que alguém está cuidando de vocês.

Mas o que acontece geralmente? À medida que vocês crescem, essa sensação de dependência continua a existir, não é verdade? Não a observaram já em pessoas mais velhas, em seus pais e professores? Notaram como eles ainda dependem emocionalmente de suas esposas ou maridos, de seus filhos ou de seus próprios pais? Quando cresce, a maioria das pessoas ainda continua apegada a alguém, continua a ser dependente. Se não tiverem alguém em quem se apoiar, que lhes dê a sensação de conforto e segurança, as pessoas se sentem sós, não é assim? Elas se sentem perdidas. Essa dependência que temos em relação aos outros é chamada de amor; mas se vocês observarem isso de perto, verão que dependência é medo, não é amor, e pelo fato de não ser amor, causa insatisfação nas relações humanas.

A maioria de nós tem medo de ficar só; tem medo de pensar por si, medo de sentir profundamente, de explorar e descobrir todo o significado da vida. Por isso essas pessoas dizem que amam a Deus e dependem daquilo a que chamam Deus; mas não é Deus, o desconhecido, é algo criado pela mente.

Fazemos o mesmo com um ideal ou uma crença. Creio em alguma coisa ou entrego-me a um ideal e isso me dá grande conforto; mas removem-se os ideais, removem-se as crenças e eu estarei perdido. Ocorre o mesmo com um guru. Eu dependo porque quero receber, é então que há a dor do medo. É também isso o que ocorre quando dependemos dos pais ou dos professores. É natural e é certo que isso ocorra quando somos jovens; mas se continuamos dependendo depois de maduros, isso nos tornará incapazes de pensar, de sermos livres. Onde há dependência há medo, e onde há medo há autoridade, não amor.

Quando seus pais dizem que vocês precisam obedecer, que devem seguir determinada tradição, que devem apenas aceitar um certo emprego ou só desempenhar uma certa qualidade de trabalho – em nada disso há amor. E não há amor em seus corações quando vocês dependem da sociedade no sentido de aceitarem sua estrutura tal qual ela é, sem discutir.

Homens e mulheres ambiciosos não sabem o que é o amor – e nós somos dominados por pessoas ambiciosas. Eis aí por que não há felicidade no mundo e por que é muito importante que vocês, à medida que crescem, vejam e compreendam tudo isto, para perceberem por si mesmos se é possível descobrir o que é o amor. Vocês podem ter uma boa posição, uma casa excelente, um

maravilhoso jardim, roupas; podem tornar-se primeiros-ministros, mas sem amor nenhuma dessas coisas terá sentido algum, pois o amor é o fio condutor da vida.

Portanto, devem começar a descobrir agora – não esperar até serem velhos, porque assim nunca descobrirão – o que é que realmente sentem em seus relacionamentos com seus pais, com seus professores, com o guru. Vocês não podem meramente aceitar a palavra “amor” ou qualquer outra palavra, mas devem ir além do sentido das palavras para ver o que é a realidade – sendo a realidade aquilo que realmente se sente e não o que se supõe sentir. Se vocês efetivamente se sentem ciumentos ou irados, dizer “não devo ser ciumento, não devo me irar” é meramente um desejo, não tem realidade. O que importa é ver, com muita honestidade e clareza, o que estão sentindo no momento, sem trazer à baila o ideal de como deveriam sentir ou como sentirão em data futura, assim poderão fazer algo a respeito. Apenas dizer: “Eu devo amar meus pais, devo amar meus professores” não faz sentido, faz? Porque seus verdadeiros sentimentos são muito diferentes, e essas palavras se tornam uma cortina atrás da qual vocês se escondem, já que por obrigação absolutamente nada faz sentido.

Por isso, não seria uma coisa inteligente ver além dos significados comumente aceitos das palavras? Palavras como “dever”, “responsabilidade”, “Deus”, “amor”, adquiriram um significado tradicional; mas uma pessoa inteligente, uma pessoa verdadeiramente educada, vê além do significado tradicional de tais palavras. Por exemplo, se alguém lhes disser não acreditar em Deus, vocês ficariam escandalizados, não é verdade? Vocês diriam: “Ora, que coisa horrível”, porquanto vocês acreditam em Deus – ao menos pensam que sim. Mas há muito pouco sentido em crer e não crer.

O que importa é ir além da palavra “amor” para ver se realmente vocês amam seus pais e se eles os amam realmente. Sem dúvida, se vocês e seus pais realmente se amassem, o mundo seria inteiramente diferente. Não haveria guerras, não haveria fome, não haveria diferenças de classes. Não haveria ricos e pobres. Vejam bem, sem amor nós procuramos reformar a sociedade economicamente, tentamos corrigir as coisas, mas, enquanto não tivermos amor em nossos corações, não poderemos criar uma estrutura social livre de conflito e de miséria. Aí está por que temos que esmiuçar essas coisas cuidadosamente, para que talvez venhamos a descobrir o que é o amor (Krishnamurti, 1998).

Por amor podemos explicar todo o desenvolvimento do filme, por amor e respeito a Neo Morfeu ajuda-o a trilhar o caminho que o conduziria ao autoconhecimento. Por amor a si próprio,

que é um amor egoísta, Cypher traiu seus companheiros. Por amor, nossa heroína contribuiu também com Neo, para que ele fizesse a opção pelo livre-arbítrio e voltasse a viver. Podemos perceber, através destes poucos exemplos, que é o amor que verdadeiramente está conduzindo nossas vidas, no sentido de nos assenhorearmos cada vez mais de nós mesmos.

Para isso, destacamos a cena em que Neo elabora um plano, jamais concebido antes, de entrar no Quartel dos agentes para resgatar Morfeu, que havia sido capturado pelos mesmos. Neo e Trinity discutem sobre o planejamento do resgate, mas com o bom senso de Trinity, Neo percebe que juntos suas chances de sucesso na empreitada seriam maiores. Então, são conectados à Matrix e juntos adentram pela portaria; fortemente armados, eliminam todos os seguranças que estão no seu caminho. É mandado pela Matrix um grupo de reforço, mas também são eliminados. Ao eliminá-los, Neo e Trinity vão até o topo do Edifício, que é uma Fortaleza, e em seguida são atacados novamente por soldados que disparam incessantemente suas armas contra eles. Neo demonstra grande destreza em desviar dos projéteis disparados contra ele, o que faz Trinity ficar boquiaberta e perguntar como ele fez aquilo, mas ele não responde. Então eles conseguem se apoderar de um Helicóptero que estava próximo e se dirigem para o resgate de Morfeu, que estava sob vigilância dos terríveis agentes.

Trinity pilota a máquina e Neo opera a metralhadora que dispara incontáveis projéteis contra os até então indestrutíveis agentes. Morfeu, que estava sob efeito do soro da verdade, volta a si(,) e, num ato hercúleo, consegue romper as correntes que o mantinham à mercê do inimigo. Ao romper as correntes, Morfeu sai correndo em direção ao helicóptero que o esperava parado em frente à janela quebrada devido aos disparos. Ao pular para alcançar o helicóptero, Morfeu é atingido por um projétil. Neo, ao visualizar a situação, pula ao seu encontro e consegue pegá-lo em pleno ar. Nesta cena, percebemos nitidamente o exagero dos efeitos especiais; por outro lado, estamos analisando apenas sob o aspecto do resgate de Morfeu, nosso objetivo não é criticar o uso exagerado de efeitos especiais.

Trinity estava acompanhando todo o desenrolar da ação e sai rapidamente. O agente Smith consegue atingir o helicóptero, que começa a vazar combustível. Numa destreza fenomenal, Trinity sobrevoa alguns prédios com Morfeu e Neo pendurados pela corda. Analisando a situação do helicóptero e visualizando os prédios pelos quais estão passando, eles percebem que não têm muito tempo, precisam agir, assim, saltam em pleno vôo sobre o topo de um edifício. Morfeu primeiro, depois Neo. O helicóptero está desgovernado, ficando sem

combustível e indo de encontro a um prédio envidraçado. Trinity consegue se soltar do cinto de segurança e se agarra à mesma corda que Neo mantinha presa em torno de si; ela dispara com sua arma contra a corda e salta do helicóptero que se choca contra o prédio, sendo a heroína resgatada pelo herói, que puxa-a até o topo do prédio no qual estavam ele e Morfeu.

MORFEU- Eu sabia, ele é o escolhido. Você acredita agora Trinity?

NEO- Morfeu... O Oráculo... Ela me disse...

MORFEU- Ela lhe disse o que precisava ouvir. Só isso. Neo, cedo ou tarde você vai perceber, como eu, que há uma diferença entre conhecer o caminho e percorrer o caminho.

Percorrer o caminho é o grande desafio de todas as pessoas, porque exige um engajamento, um compromisso, enfim, exige ação.

A partir desse diálogo, os três correm para a saída mais próxima; chegando lá Morfeu volta para a nave. Ao ficarem a sós, Trinity tenta falar com Neo sobre seus sentimentos e, na sequência, passa um carro do metrô interrompendo-os com o barulho quase ensurdecedor do mesmo; ela não consegue falar, o telefone toca e ela volta para a nave Nabucodonosor.

Neo fica só e, em seguida, aparece o agente Smith para capturá-lo, talvez até matá-lo. Eles lutam violentamente e Neo consegue se safar da briga fugindo. Na fuga Neo vai para o Hotel onde tudo começou (onde ele tomou a pílula vermelha); após inúmeras tentativas de se livrar dos agentes, é acuado pelos mesmos e morto com vários disparos contra o peito.

Diante dessa situação inusitada, como vão ficar as coisas? Como será que vai ser? Então, podemos perguntar: por que se teme a morte? Será talvez porque não sabemos viver? Se soubéssemos viver plenamente, temeríamos a morte? Se amássemos as árvores, o pôr-do-sol, os pássaros, as folhas caídas; se tivéssemos consciência dos homens e mulheres que choram, dos pobres, e realmente sentíssemos amor no coração, acaso temeríamos a morte? Você não vive com alegria, você não é feliz, não é vitalmente sensível às coisas; e será por isso que você indaga o que acontecerá quando morrer? A vida para você é sofrimento, e por isso você está mais interessado na morte. Você acha que talvez haja felicidade após a morte. Mas este é um tremendo problema, afinal o medo está na base de tudo isto – medo de morrer, medo de viver, medo de

sofrer. Se não souber o que causa o medo e libertar-se dele, então não importará muito se você está vivo ou morto (Krishnamurti, 1998).

Neo morre e Trinity acompanha tudo através de um tipo de circuito fechado de televisão. A câmera dá um close nos olhos de Trinity e, de acordo com Campbell (1992), citando Borneilh (1138-1200?): “Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração: Pois os olhos são os espões do coração”. E Trinity, ao se dar conta de que Neo havia morrido, revela para ele, próximo do seu ouvido: “não é possível que você esteja morto, porque o Oráculo me disse que eu me apaixonaria e seria pelo escolhido, portanto você não pode estar morto Neo, porque eu amo você”, e beija-o apaixonadamente. Então seu coração começa a bater novamente e ele reage, levantando-se. Os agentes ficam sem saber o que está acontecendo, então, disparam incessantemente contra Neo, que olha para os projéteis fazendo-os pararem.

Nesse momento, Neo enxerga todo o local onde estão como se estivesse dentro de um programa de computador, ele vê tudo composto por códigos binários. Os agentes não acreditam no que vêem e o agente Smith se volta violentamente contra Neo correndo em sua direção, agredindo-o, Neo, por sua vez, olha-o como se nada estivesse acontecendo, defende-se dando um chute lateral em Smith, arremessando-o para longe. Neo corre na direção dele e pula adentrando o corpo do agente Smith, que começa a fazer uns movimentos involuntários, como se tivesse algo dentro querendo sair para fora Smith, então, explode. Podemos pensar no simbolismo desta explosão: Neo domina inteiramente a influência que o agente Smith desenvolveu sobre ele, é como a ruptura com todos os estigmas sociais e materiais que nos mantém reféns de nós mesmos, não nos permitindo enxergar possibilidades de ação para nossa vida, dentro da qual nos mantemos prisioneiros do “Status Quo”.

Após a explosão, Neo faz um movimento de expansão e todo o local se dilata também. Trinity grita: “Volta Neo!”, porque a nave estava sendo atacada por objetos denominados de “lulas”, cujo propósito, programado pela matrix, era destruir as naves. E ele imediatamente se conecta ao telefone, voltando. Então é disparado o pulso eletromagnético, que é a única defesa que a nave tinha contra as lulas. Segue-se algo como uma grande descarga elétrica e a nave fica bem danificada. Trinity protege Neo com seu próprio corpo, e ele retorna para a nave são e salvo. Os dois se beijam apaixonadamente e em segurança. Neo se convence, de uma vez por todas de que é o escolhido. Graças ao amor que Trinity nutria por ele, sua vida foi salva e agora ele está

totalmente livre para fazer uso irrestrito do seu livre-arbítrio e caminhar pelas veredas que o conduzirão ao autoconhecimento.

Falando um pouco mais sobre o amor, se nosso propósito de vida é sermos sempre felizes, precisamos eliminar totalmente da nossa vida emocional todo tipo de emoção cuja base é o ódio, e, por outro lado, cultivar todas as emoções cuja raiz é o amor. Já vimos acima que somos governados por hábitos. Sem nos darmos conta, somos levados pelas velhas emoções que nos são familiares e, por isso, temos dificuldades para o despertar de novas emoções. A solução pode estar no cultivo freqüente de hábitos emocionais saudáveis, incorporando e cultivando aqueles que são baseados no amor, e expurgando os que são baseados no ódio.

Quando começarmos a colocar em prática essas lições de vida, estaremos cultivando as virtudes e nos livrando dos vícios, virtudes e vícios nada mais são do que “hábitos emocionais baseados em amor e ódio respectivamente” (TAIMNI, 1980, p. 80). Podemos perceber que viver de uma maneira virtuosa, não se resume apenas em desejar ou almejar, pois significa também praticar hábitos emocionais adequados.

A relação das emoções com as virtudes e os vícios mostra também o lugar de uma vida virtuosa no grande problema da Auto-Realização. O cultivo das virtudes apenas assegura uma vida emocional correta e saudável, representando, portanto, um papel secundário, ainda que essencial, na Auto-Realização. Uma vida virtuosa é necessária como fundamento para uma vida mais elevada do Espírito, mas não pode substituí-la. O objetivo do esforço humano é algo muito maior do que meramente levar-se uma vida virtuosa, e esta é a Auto-Realização, Jñana. Somente quando um indivíduo encontra a Verdade da Existência e vive à luz dessa Realização é que pode ter paz permanente e ficar acima dos tumultos, das ilusões e dos sofrimentos da vida inferior (TAIMNI, 1980, p. 80).

Podemos concluir que isso só é possível quando colocamos em prática o amor que existe em nós e que é fruto da nossa origem divina, pois somente um Pai Divino nos presentearia com algo tão fabuloso quanto o amor.

PALAVRAS FINAIS

Podemos pensar que um dos grandes problemas atuais é a falta de identidade própria. O que é que denominamos de identidade própria? Um número de RG, obviamente que não. Identidade própria é nos conhecermos e sabermos o que é importante para nós, sabermos também que somos muito mais do que somente um corpo sensível e somático. Somos muito mais do que meros devoradores de alimentos e corpos sexuados, muito mais do que padrões de beleza estabelecidos por indústrias de cosméticos, de tintura, academias, cirurgias plásticas; somos muito mais do que essas coisas. O que citamos anteriormente faz parte de um tipo de indústria específica, que desenvolve modelos padronizados e vendáveis. Seu único objetivo é o dinheiro e não o bem estar dos consumidores, estes acabam se tornando escravos de seus produtos.

Somos seres espirituais que habitam temporariamente corpos físicos, finitos e limitados, que se transformarão em matéria orgânica após o desligamento do espírito, isso se dá quando ocorre o que comumente chamamos de morte.

Rico ou pobre, feio ou bonito, velho ou novo, a “morte” ocorre para todos independentemente das ideologias, crenças religiosas ou qualquer tipo de idéia. Podemos pensar que estamos num Planeta Escola e tudo o que passamos aqui faz parte das lições que precisamos incorporar em nossa existência espiritual, e que, de uma forma ou de outra, impregnará nosso espírito fazendo parte da nossa evolução, ou seja, fazendo com que nos tornemos cada vez mais conscientes de nossa natureza Divina, tendo claro que a nossa condição humana é somente uma forma de expressão do Divino.

Podemos pensar que todos os problemas por que estamos passando no Planeta Terra, nossa morada presenteada pelo Pai, é consequência dos nossos atos, e podemos pensar que está mais do que na hora de restabelecermos nossa conexão com o divino que habita em nosso interior, para podermos nos transformar e transformar o Planeta também.

O que significa a falta do sagrado em nossas vidas? É muito simples verificar, é só olhar para os nossos rios, respirar o nosso ar, comer os alimentos produzidos quimicamente, carnes produzidas artificialmente, é só computar as várias espécies de animais que já foram extintos e as espécies que estão em extinção, as florestas que estão sendo derrubadas devido a interesses econômicos; isso tudo reflete, de uma maneira muito clara, o que significa a falta do Sagrado em nossas vidas.

O grande pensador e amigo, Regis de Moraes, nos fala também da falta do Sagrado:

a falta do sagrado ameaça-nos de inanição. Cada vez cresce mais e se solidifica em mim a convicção de que o *stress existencial* que hoje nos mortifica está ligado à carência do sagrado em nossa dimensão da cotidianidade. Mais uma vez cito Gilberto Kujawski: “Sabe-se que *carência* não é o mesmo que *falta*. Se não tenho asas, se sou falto de asas, não tenho carência alguma, porque nunca tive, nem posso ter asas. Na hipótese que eu perca um braço ou uma perna, aí sim estou carente de um membro perdido. Só vivemos carentes daquilo que nos pertence constitutivamente. A carência do divino, ou do sagrado, significa que fazem parte de nós, que não podemos viver sem ambos” (MORAIS, 1997, p. 48).

Ainda citando o “velho amigo”:

A carência do sagrado é um dos principais elementos causadores do *stress existencial*. Porque a vida passa a assemelhar-se à condenação imposta a Sísifo na mitologia grega; foi Sísifo condenado a viver para sempre rolando uma pedra enorme até o alto de uma montanha, para vê-la cair montanha abaixo e... Recomeçar a erguê-la. Sísifo é o símbolo da existência como um *trabalho inútil*; símbolo da falta de finalidade para os dias da vida – coisa que se afina bem com o melancólico estado de espírito do homem contemporâneo, que não atingiu suficiente autoconsciência que lhe permita ver-se mutilado de algo essencial à vida humana: um sentimento do sagrado que o faça pôr-se em busca de uma fecunda relação com o TU ABSOLUTO (MORAIS, 1997, p. 49).

Estas citações ilustram, de uma maneira muito clara, o que significa uma vida sem o sagrado, e nos mostra objetivamente que os únicos prejudicados nesta situação toda somos nós.

Quando optei por escrever este material, analisando o filme Matrix, foi porque através deste filme percebi que poderia ser possível transmitir alguns conhecimentos adquiridos ao longo desta minha estada neste planeta, quando falei, acima, sobre um Planeta escola, a idéia principal foi a de compartilhar as singelas lições vivenciadas.

Ao relatar as experiências do Caminho de Santiago de Compostela, o propósito foi compartilhar com os caros leitores o fato de que existem caminhos para serem percorridos, e estes caminhos nos farão chegar a um local muito íntimo, o nosso interior. É importante lembrar que os meios externos contribuem para isso, porém a “viagem” é interna. A trajetória externa serve apenas para realizar a viagem interna. Como dizia o inesquecível Gandhi: ninguém retira de

nós nossa dignidade e todas as experiências que adquirimos e que nos fazem chegar cada vez mais próximos de nossa essência divina.

Por isso, ao escrever sobre o autoconhecimento, meu único intento foi apresentar idéias de como é possível caminhar por veredas que nos aproximam cada vez mais de nossa essência divina, para nos tornarmos seres humanos plenos e senhores do que somos em essência: Seres Divinos.

Para que tudo isso se efetive em ações concretas, precisamos ter claro que tudo isso acontece através do amor, amor a Deus, amor à vida, e amor por si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia de Jerusalém. Editora Paulus. 1996. 5 ed. São Paulo.

AGOSTINHO, S. **O Livre Arbítrio.** (Tradução, Organização e notas Ir. Nair de Assis oliveira). São Paulo: Ed. Paulus. 2004.

ALMEIDA, M. J.de. **Cinema Arte da Memória.** Campinas: Ed. Autores Associados. 1999.

_____. (2004) **Imagens e sons:** A nova cultura oral. São Paulo: Cortez Editora. (Questões da nossa época).

ARENDT, H. **Responsabilidade e Julgamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BACHELARD, G. **O Ar e os Sonhos:** Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

CAMPBELL, J. **O poder do mito.** 3 ed. São Paulo: Ed. Palas Atena, 1992.

CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas.** (Trad. Willian Lagos). Floresta: L& PM Editores, 2005. (Coleção L& PM Pocket, vol. 378).

SPONVILLE, A. S. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

DE NICOLA, J. ; INFANTE, U. **Fernando Pessoa.** São Paulo, Ed. Scipione, 1995.

EFEITO BORBOLETA. Direção: E. Bress. New Line Cinema: 2003. 113 min., color, legendado.(Tradução de: The Butterfly Effect – Fita de Vídeo – VHS/NTSC . Suspense).

FEITIÇO DO TEMPO. Direção: Haroldo Ramis. Produção: Trevor Albert. Columbia Tristar, 1993, 97 min., color, legendado. (Tradução de: Groundhog Day – Fita de Vídeo – VHS/NTSC. Comédia).

FINAL FANTASY. Direção: Hironobu Sakaguchi. Produção: Hironobu Sakaguchi. Manaus/AM: Columbia Pictures and Square Pictures, 2001. 106 min., color, legendado. (DVD – área 4 . Ficção Científica).

FRANKL, V. **Em busca de sentido:** Um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre: Ed. Sinodal, 1987.

GARBO, C. **Quem somos nós.** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por cleusagarbo@terra.com.br em Dezembro de 2005. SITE: www.luzcristica.com

GIBSON, W. **Neuromancer.** 3 ed. São Paulo: Ed. ALEPH, 2003.

GOETHE, J. W. **Fausto.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro (Coleção universidade).

GOSWAMI, A. **A Janela Visionária:** Um Guia para a iluminação por um físico Quântico. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005.

HERRIGEL, E. **A arte cavalheiresca do argueiro zen.** (Trad. J.C.Ismael). São Paulo: Ed. Pensamento, 1995.

IRWIN, W. **Matrix Bem Vindo ao Deserto do Real.** São Paulo: Madras Editora, 2005.

KAMMER, R. **O zen na arte de conduzir a espada.** A antiga arte japonesa da esgrima. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995.

KRISHNAMURTI, J. **O verdadeiro objetivo da vida.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1981.

KUNG FU – Piloto. Direção: Jerry Thorpe. Produção: Jerry Thorpe. Manaus/AM: Warner Bros DVD/Vídeo, 1972, reeditado em 2005. 74 min., color, legendado.(DVD – área 4 . Aventura).

LABÉ, L. **Amor e loucura.** São Paulo: Ed. Siciliano, 1995.

LÄNGLE, A. **Viver com sentido.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1992. (Coleção Logoterapia).

LAROUSSE, B. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural.** São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

MATRIX. Direção: The Wachowski Brothers. Produção: Joel Silver. Cotia/SP: Warner Bros Vídeo, 1999. 136 min., color, legendado. (Fita de vídeo - VHS/NTSC . Ação).

MIRANDA, C.E.A. **“O que estamos vendo?”** Um estudo sobre imagem e educação na era da reprodutividade técnica. 1996. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1996.

_____. (2000) **A Educação da Face.** O cinema e suas expressões das paixões. 219 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

MORAIS, R. **Corações em Luz.** Campinas: Departamento Editorial. Campinas, 2003. (Centro Espírita Allan Kardec).

_____. (2003) **Educação contemporânea: olhares e cenários.** Campinas: Ed. Alínea, (Coleção educação em debate).

_____. (1997) **Stress existencial e sentido da vida.** São Paulo: Edições Loyola.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra.** 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ORWELL, George. **1984**. (Trad. Wilson Velloso) 28 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002 (Biblioteca do espírito moderno. Série 4. literatura; v. 4)

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.

QUEM SOMOS NÓS. Direção: Betsy Chasse. Produção: William Arntz. São Paulo: Play Arte, 2004. 108 min., color, legendado. (Tradução de: What the Bleep Do We Know? – DVD – área 4 . Documentário).

TAIMNI, I.K. **Autocultura**, A Luz do Conhecimento. Rio de Janeiro: Grupo Annie Besant, 1980.

TARKOVISKI, A. A. **Esculpir o tempo**. . São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

V DE VINGANÇA. Direção: The Wachowski Brothers. Produção: Silver Pictures. Manuas/AM: Warner Bros, 2006. 132 min, color, legendado. (Tradução de: V for Vendetta – DVD – área 4 . Aventura).

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

YOGANANDA, P. **AUTOBIOGRAFIA de um IOGUE**. Los Angeles, Califórnia USA: Self-realization Fellowship, 1995.

ANEXO I

KRISHNAMURTI

Nasceu no ano de 1895, em Madanapalle, Madrastra, Índia. Conforme o costume entre os Brâmanes do Sul da Índia, chamaram-no pelo nome de família Jiddu. E assim o fizeram por ter sido ele o oitavo filho. Com isso, seus familiares manifestavam o desejo de que, quando adulto, consagrasse a sua existência a Krishna, a encarnação divina, e que fora também o oitavo filho. Em 1909, a Dra. Annie Besant e C. W. Leadbeater notaram em Krishnamurti faculdades latentes de inestimável valor moral e espiritual, acabando por admitir que, devidamente desenvolvidas, fariam do jovem um grande mestre. Todavia os leitores dos inúmeros livros de Krishnamurti sabem que esse pensador não se erige como mestre da Humanidade nem tenciona ser o fundador de uma nova religião. Com freqüência, repete que o desenvolvimento espiritual decorre da conquista puramente individual e que jamais pode ser obtido pela submissão a qualquer mestre ou religião. Repudia toda autoridade que pretenda impingir-nos valores espirituais ministrados a um fechadíssimo grupo de crentes. A verdade, diz ele, confina com os limites da evolução humana, achando-se oculta na consciência de todos os seres humanos. Para atingi-la, temos que romper todas as barreiras e todos os laços que nos prendem à materialidade, pesada carga que faz de nós meros escravos mecanizados. Somente a Vida, conclui Krishnamurti, pode criar a Vida". (Editora Cultrix livro, O Verdadeiro Objetivo da vida, 1998: p 187).

ANEXO II

TAIMNI

“Dr. I. K. Taimni, erudito indiano, é muito conhecido por sua clara exposição de assuntos profundos metafísicos. Nascido de família hindu estudou na Inglaterra, onde lhe foi conferido o doutorado em Química pela Universidade de Londres, em 1928. Lecionou turmas de pós-graduação e fez trabalhos de pesquisas em química na Universidade de Allahabad cerca de quarenta anos. Além de cientista, é versado na filosofia indiana, na prática da Ioga e nos princípios da Teosofia. Ele traz para seus escritos vasto acervo de experiência e conhecimento que tem sido grandemente louvado pelos estudiosos de Ocultismo”. Entre seus livros estão: “A ciência da Ioga”, “Gayatri”, “Introdução ao simbolismo Hindu” e “Homem, Deus e o Universo”.

‘

ANEXO III

YOGANANDA

Nasceu em 05 de janeiro de 1893, em Gorakhpur no Nordeste da Índia, perto das montanhas do Himalaia.

Ele veio a ser reconhecido como uma das preeminentes figuras espirituais do século XX. Seu livro Autobiografia de um Iogue, traduzido em 18 idiomas, é amplamente considerado um clássico da literatura religiosa. Em capítulos fascinantes e calorosamente humanos, o autor descreve seu treinamento e experiências com santos e mestres iluminados da Índia de sua época, e explica, com clareza científica, as leis sutis, mas definidas, por meio das quais os iogues fazem milagres e atingem o autodomínio.

Uma curiosidade importante sobre a vida de Yogananda, é que ele foi o responsável por trazer a Ioga ao conhecimento do povo Ocidental.

ANEXO IV

ROTEIRO DO FILME: QUEM SOMOS NÓS

No começo só havia o Vazio
Transbordando com infinitas possibilidades
Das quais você
É uma...
A mente suprema.
O cérebro não sabe diferenciar o que vê no ambiente de suas lembranças.
O modo como observamos o mundo que nos cerca...
Como podemos continuar a ver o mundo como real se nosso âmago que está determinado a ser real é intangível?
Todas as realidades existem simultaneamente?
Há a possibilidade de todas as verdades existam lado a lado?
Você já se viu através dos olhos de outra pessoa que você tenha se tornado?
E já se viu através dos olhos de um observador alternativo?
Quem somos?
De onde viemos?
O que devemos fazer?
E para onde vamos?
Por que estamos aqui?
Essa é a pergunta elementar.
O que é a realidade?
O que eu achava irreal hoje é para mim mais real do que as coisas que acho reais, que agora acho que são irreais.
Você não pode explicar. E quem tentar explicar vai se perder no labirinto do mistério.
Quanto mais se estuda a física quântica, mais misteriosa e fantástica ela se torna.
A física quântica falando de uma maneira bem simples é uma física de possibilidades.
São questões pertinentes de como o mundo se sente com relação a nós.
Se existe uma diferença entre o modo do mundo nos sentir e como ele realmente é.
Já parou para pensar do que os pensamentos são feitos?

O que estamos vendo, as crianças de hoje, são sinais de que a cultura está no caminho errado e não se aprecia o poder do pensamento.

Todas as épocas e gerações têm suas próprias suposições.

O mundo é plano, o mundo é redondo etc.

Existem centenas de suposições que acreditamos ser verdadeiras, mas que podem ou não ser verdadeiras.

Claro que historicamente, na maioria dos casos não eram verdadeiras.

Se tomarmos a história como guia, podemos presumir que muitas coisas em que acreditamos sobre o mundo podem ser falsas.

Estamos presos a certos preceitos sem saber disso.

É um paradoxo.

O materialismo moderno tira das pessoas a necessidade de se sentirem responsáveis.

Assim como a religião!

Mas eu acho que se você levar a mecânica quântica a sério, verá que ela coloca a responsabilidade nas nossas mãos e não dá respostas claras e reconfortantes.

Ela só diz que o mundo é muito grande e cheio de mistérios.

O mecanismo não é a resposta, mas não vou dizer qual é pois vocês têm idade suficiente para tomarem suas decisões.

Somos todos um mistério?

Somos todos um enigma?

Certamente somos.

Fazer essas profundas perguntas a você mesmo, abre novas formas de ver o mundo, traz uma renovação.

Faz com que a vida seja mais prazerosa.

O verdadeiro truque na vida não é ser conhecido, mas sim ser um mistério.

É hora de ficar esperto.

Por que continuamos recriando a mesma realidade?

Por que continuamos tendo os mesmos relacionamentos?

Por que continuamos tendo os mesmos empregos repetidamente?

Nesse mar infinito de possibilidades que existem à nossa volta, por que continuamos recriando as mesmas realidades?

Não é incrível existirem opções e potenciais que desconhecemos?

É possível estarmos tão condicionados à nossa rotina, tão condicionados à forma como criam nossas vidas, que compramos a idéia de que não temos controle algum?

Fomos condicionados a crer que o mundo externo é mais real que o interno.

Na ciência moderna é justamente o contrário.

Ela diz que o que acontece dentro de nós é que vai criar o que acontece fora.

Existe uma realidade física que é absolutamente sólida,

mas só começa a existir quando colide com outro pedaço de realidade física.

Esse outro pedaço pode ser a gente, claro que somos parte desse momento, mas não precisa necessariamente ser.

Pode ser uma pedra que venha voando e interaja com toda essa bagunça, provocando um estado particular de existência.

Filósofos no passado diziam: "Se eu chutar uma pedra e machucar meu dedo, é real. Estou sentindo, é vívido".

Quer dizer que é a realidade.

Mas não passa de uma experiência e é a percepção dessa pessoa do que é real.

Experimentos científicos nos mostram que se conectarmos o cérebro de uma pessoa a computadores e scanners e pedirmos para olharem para determinados objetos, podemos ver que certas partes do cérebro sendo ativadas.

Se pedirmos para fecharem os olhos e imaginarem o mesmo objeto, as mesmas áreas do cérebro se ativarão, como se estivessem vendo os objetos.

Então os cientistas se perguntam: quem vê os objetos, o cérebro ou os olhos?

O que é a realidade?

É o que vemos com nosso cérebro?

Ou é o que vemos com nossos olhos?

A verdade é que o cérebro não sabe a diferença entre o que vê no ambiente e o que se lembra, pois os mesmos neurônios são ativados.

Então devemos nos questionar, o que é realidade?

Somos bombardeados por grandes quantidades de informação que quando entram no seu corpo são processadas pelos seus órgãos sensoriais, e a cada passo partes da informação vão sendo descartadas.

O que finalmente chega na consciência é o que serve mais para a pessoa.

O cérebro processa 400 bilhões de bits de informação por segundo, mas só tomamos conhecimento de 2.000 bits.

E esses 2.000 bits são sobre o que está ao nosso redor, nosso corpo e o tempo.

Vivemos em um mundo onde só enxergamos a ponta do iceberg.

A ponta clássica de um imenso iceberg de mecânica quântica.

... Se o cérebro está processando 400 bilhões de bits de informação mas só percebemos 2.000 bits, significa que a realidade está acontecendo a todo momento no cérebro, mas nós não a absorvemos.

Os olhos são como lentes, mas o que realmente está enxergando é a parte de trás do cérebro.

É o córtex visual, igual a essa câmera.

Você sabia que o cérebro imprime o que ele vê?

Por exemplo: essa câmera está vendo muito mais ao meu redor do que o que está aqui porque ela não faz objeções ou julgamentos.

O filme que está passando no cérebro é do que temos habilidade para ver.

É possível que nosso olhos, nossa câmera, enxergue mais do que o nosso cérebro tenha a habilidade de conscientemente projetar?

Do jeito que nosso cérebro funciona, só conseguimos ver o que acreditamos ser possível.

Os padrões de associação já existem dentro de nós através de um condicionamento.

Uma história incrível que acredito ser verdadeira, conta que quando os índios americanos nas ilhas caribenhas viram as naus de Colombo se aproximarem, na verdade eles não conseguiam ver nada, pois não eram parecidas com nada que tivessem visto antes.

Quando Colombo chegou no Caribe, nenhum nativo conseguia enxergar os navios, mesmo estando eles no horizonte.

A razão de não verem os navios era porque não tinham conhecimento.

Seus cérebros não tinham experiência de que os navios existiam.

O shamã começa a notar ondulações no Oceano.

Mesmo não vendo os navios, imagina o que está causando aquilo.

Então ele começa a olhar todos os dias e depois de um certo tempo, ele consegue ver os navios.

E quando ele enxerga os navios, conta para todos que existem navios lá.

Como todos confiavam e acreditavam nele, também conseguem enxergar.

Nós criamos a realidade, mas criamos máquinas que produzem realidade que afetam a realidade o tempo todo.

Sempre perseguimos algo refletido no espelho da memória.

Se estamos ou não vivendo em um grande mundo virtual é uma pergunta sem uma boa resposta, é um grande problema filosófico.

E temos que lidar com ele conforme o que a ciência diz do nosso mundo.

Como somos sempre observadores na ciência, ficamos limitados ao que o cérebro humano capta.

É a única forma de vermos e percebermos as coisas que fazemos.

Então é possível que isso tudo seja uma grande ilusão da qual não conseguimos sair para ver a verdadeira realidade.

... Na verdade existem escolhas no caminho que a vida pode tomar.

Elas são possíveis em pequenos níveis de efeitos quânticos que não se perdem.

Inicialmente vamos falar do mundo sub-atômico e depois do que nos falam ser a realidade.

A primeira coisa é que o mundo sub-atômico é uma fantasia criada por físicos loucos que tentam entender o que diabos acontece quando fazem pequenas experiências com grandes energias em pequenos espaços e em curtos espaços de tempo.

As coisas ficam bem inexplicáveis.

A física sub-atômica foi inventada para tentar desvendar tudo isso.

A nova ciência chamada física quântica é sujeita a todo tipo de hipóteses, pensamentos, sentimentos, intuições, para se descobrir o que diabos está acontecendo.

A matéria não é o que pensávamos ser.

Os cientistas viam a matéria como algo estático e previsível.

As partículas ocupam um espaço insignificante nas moléculas e átomos.

São partículas fundamentais.

O resto é o vácuo.

Parece que essas partículas aparecem e desaparecem o tempo todo.

Para onde vão quando não estão aqui?

Essa pergunta é complicada.

Vou dar duas respostas.

Nº. 1: vão para universos alternativos, onde as pessoas fazem a mesma pergunta quando elas somem e vêm pra cá.

"Para onde elas foram?"

O grande mistério é o da direção do tempo.

De uma certa forma, as nossas leis fundamentais da física não fazem distinção entre passado e futuro.

Temos um quebra-cabeça do ponto de vista das leis da física.

Por que nós somos capazes de lembrar do passado e não temos o mesmo acesso epistemológico com o futuro?

Por que devemos pensar que nossas ações no presente afetam o futuro mas não o passado?

O fato de termos um diferente acesso epistemológico para o passado e futuro, o controle que nossas ações têm sobre o futuro, mas não sobre o passado, tudo isso é fundamental para o modo como sentimos o mundo que não termos curiosidade sobre isso é o mesmo que estarmos mortos.

- Quer ver umas cestas? Você não precisa ser assim. Venha jogar. Olhe, ela gostou de você. Você não tem tempo para uma partida um contra um? Há quanto tempo não joga? Vamos, você está com a bola. Arremesse. Daí não, moça! Está fora do campo. Tem que entrar na quadra para poder jogar.

- Bem-vinda à grande quadra de intermináveis possibilidades. Horrível. Tem que acertar pelo menos uma.

- Isso doeu!

- A bola nem tocou em você.

- "Ta" bom.

- E não é sólida.

A maior parte dessa bola está vazia.

Na verdade a maior parte do universo está vazia.

Gostamos de imaginar o espaço como vazio e a matéria como sólida.

Mas na verdade não tem nada na matéria, ela é completamente insubstancial.

Veja um átomo.

Pensamos nele como uma bola sólida.

Mas na verdade é esse pontinho pequeno com matéria densa no centro cercado por uma nuvem de elétrons que aparecem e desaparecem.

Mas acontece que tal descrição também não está correta.

Até o núcleo, que pensávamos ser tão denso, aparece e desaparece assim como os elétrons.

A coisa mais sólida que pode dizer que existe nessa matéria desprovida de substância é mais como um pensamento, um bit de informação concentrada.

O que faz as coisas não são mais as coisas, mas sim idéias, conceitos e informação.

- Como eu disse, você nunca toca em nada.

Os elétrons criam uma carga que afasta os outros elétrons antes que você possa tocá-lo.

Então ninguém toca em nada.

- Venha, ponha suas coisas no chão, ninguém vai pegar. Como eu já disse, essa quadra é minha,

não tem problema. Há quanto tempo não joga?

- Vou me atrasar...

É somente a partir da experiência consciente que parece que estamos avançando no tempo.

Na teoria quântica também podemos voltar no tempo.

Podemos voltar no tempo.

Qual é o problema? Lembre-se de que está vazia.

- Como sabe isso tudo?

- Eu leio o gibi do Dr. Quantum. Dizem que é coisa de criança, mas eu sei que é real. É assim que faço minha mágica na quadra.

- Eu sempre escolho o garoto-maravilha primeiro. Ele tem poderes mágicos.

- O Dr. Quantum diz que todos temos, todo mundo está fazendo isso, constantemente, cada vez e toda vez que você olha pra elas.

Quando não olhamos é como uma onda, quando olhamos é como uma partícula.

Quando não olhamos, há ondas de possibilidades, quando olhamos existem partículas de experiência.

Uma partícula que pensamos ser algo sólido existe no que chamamos de superposição, uma onda espalhando possíveis localizações.

Todas ao mesmo tempo. E no momento em que você olha, ela passa a estar em apenas uma das possíveis posições.

A superposição implica que uma partícula pode estar em dois ou mais lugares ao mesmo tempo.

É um conceito muito bizarro, um dos pilares da física quântica.

Super-heróis usam superposição.

O mundo tem várias formas de realidade em potencial, até você escolher.

Tem que escolher o que quer. Pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo, experimentando várias possibilidades, até elas convergirem para apenas uma.

A questão é: quão fundo você quer entrar na toca do coelho?

- Belo arremesso.

Como um objeto pode ter dois estados ao mesmo tempo?

Ao invés de pensarmos nas coisas como coisas, temos o hábito de pensar que as coisas que nos cercam já são objetos que existem sem a minha contribuição, sem a minha escolha.

Você precisa banir essa forma de pensar, tem que reconhecer que até o mundo material que nos cerca - as cadeiras, as mesas, as salas, os tapetes - não são nada além de possíveis movimentos da consciência.

E estou escolhendo momentos nesses movimentos para manifestar minha experiência atual.

É algo radical que precisamos compreender, mas é muito difícil, pois achamos que o mundo já existe independente da minha experiência.

Mas não é assim e a física quântica é bem clara.

O próprio Heisenberg, depois da descoberta da física quântica, disse que os átomos não são objetos, são apenas tendências.

Então, ao invés de pensar em objetos, você deve pensar em possibilidades.

Tudo é possibilidade subconscientemente.

Agora você pode ver em inúmeros laboratórios pelos EUA objetos que são suficientemente grandes para serem vistos a olho nu e que estão em dois lugares simultaneamente.

Pode-se até tirar uma foto disto.

Suponho que se você mostrasse essa foto, as pessoas diriam: "Legal, posso ver essa luz colorida, um pouco ali, um pouco aqui... é a foto de dois pontinhos, o que tem demais?"

"Estou vendo duas coisas".

Não! É uma coisa só em dois lugares ao mesmo tempo.

Acho que as pessoas não se impressionariam, pois acho que elas não acreditam.

Não que digam que sou mentiroso, ou que os cientistas estão confusos.

Acho que é tão misterioso que não dá para compreender o quão fantástico é.

Todos viram Jornada nas Estrelas e o tele-transporte, então se perguntam "Mas e daí, o que isso quer dizer?" Mas temos que parar e pensar no que isso realmente significa.

É o mesmo objeto e ele está em dois lugares ao mesmo tempo.

As pessoas trabalham, se aborrecem, almoçam, vão para casa e vivem a vida como se nada de especial estivesse acontecendo pois é assim que se acostumaram, mas existe essa incrível mágica bem na sua frente.

A física quântica calcula apenas possibilidades.

Mas se aceitarmos isso, a questão imediatamente passa a ser que escolha temos que fazer dentre as possibilidades para iniciarmos o evento da experiência?

Então vemos diretamente que a consciência tem que estar envolvida.

O observador não pode ser ignorado.

Sabemos o que um observador faz do ponto de vista da física quântica, mas não sabemos quem e o quê o observador é na verdade.

Isto não significa que não estamos tentando encontrar uma resposta.

Nós procuramos, entramos na sua mente usando todos os recursos que temos para acharmos algo que possa ser o observador.

Mas não achamos nada no cérebro.

Nada na região do córtex.

Nada no subcórtex.

Não há nada lá chamado observador.

Mas mesmo assim temos a sensação de sermos tais observadores observando o mundo lá fora.

Seria esse o observador?

E por que é tão complicado entender esse mundo louco e estranho de partículas quânticas e o modo como reagem.

Esse seria então o observador?

Para mim o observador é o espírito que está dentro da nossa roupa biológica.

É como o "fantasma na máquina".

É a consciência que está dirigindo o veículo e observando os arredores.

São umas camadas interiores da nossa roupa biológica dotada de todos os tipos de sistemas para captarem assinaturas ao seu redor.

... Washington D.C., chamada de capital do mundo em assassinatos, recebeu um grande experimento no verão de 1993. Para uma meditação coletiva durante longos períodos do dia.

Segundo o FBI, isso faria com que os crimes violentos caíssem em 25% naquele verão em Washington.

O chefe de polícia foi à televisão dizer que o crime só diminuiria em 25% se nevasse no verão.

No final a polícia se tornou colaboradora e autora desse estudo, pois o resultado foi uma queda de 25% nos crimes em Washington.

O que poderia ser previsto com base em 48 estudos anteriores que já haviam sido feitos em menor escala.

Isso nos leva a imaginar: será que as pessoas estão afetando a realidade que vemos?

Pode apostar que sim! Cada um de nós afeta a realidade como a vemos.

Mesmo se fugirmos disso e nos fingirmos de vítima.

Estamos todos fazendo isso!

Essa exposição vem do Japão, e o autor é o Sr. Masaru Emoto. Ele se interessou na estrutura molecular da água. E o que a afeta. Sendo a água é o mais receptivo dos quatro elementos, o Sr. Emoto pensou que ela poderia responder a eventos não físicos. Ele então realizou vários estudos onde aplicou estímulos mentais e os fotografou com um microscópio de câmara escura.

- A primeira foto é da água da represa Fujiwara. E essa foto é da mesma água após ter sido benzida por um monge zen-budista.

- Nessa próxima série de fotos, o Sr. Emoto imprimiu palavras e as colocou em garrafas de água destilada, deixando-as passar a noite assim. Essa primeira foto mostra a água pura destilada em sua essência.

- A foto a seguir, como podem ver, é diferente. É o "chi do amor". E aqui vocês podem ver a foto da palavra "obrigado". Aqui podem ver onde ele colocou o nome na garrafa. Se soubessem japonês já saberiam disto.

O Sr. Emoto diz que o pensamento ou intenção são as forças responsáveis por tudo isso.

A ciência de como isto afeta as moléculas é desconhecida. Menos para as moléculas da água, claro. É fascinante se pensarmos que 90% do nosso corpo é composto de água.

- Faz a gente pensar, não é?

Se pensamentos fazem isso com a água, imagine o que podem fazer conosco.

Certamente. O pensamento pode mudar o corpo completamente.

Muitas pessoas não afetam a realidade de forma consistente porque não acreditam que possam.

Elas escrevem uma intenção e depois a apagam, pois acham que é tolice. "Não consigo fazer isso." Escrevem de novo e apagam.

Isso tem um efeito muito pequeno, pois elas não acreditam que possam fazer isso.

Se você acreditar com todo seu ser que pode andar sobre a água, isso acontecerá.

É como pensamento positivo, que é um conceito maravilhoso.

Mas geralmente temos uma névoa de pensamento positivo cobrindo uma enorme massa de pensamento negativo.

Pensar positivo então, apenas disfarça o pensamento negativo que nós temos.

Quando pensamos em objetos tornamos a realidade mais completa do é.

É aí que você fica preso.

Ficamos presos na uniformidade da realidade, pois se ela é completa eu sou insignificante, não posso alterá-la.

Mas se a realidade é minha possibilidade, possibilidade da própria consciência, imediatamente perguntamos como podemos alterá-la, torná-la melhor, mais alegre.

É uma extensão da nossa imagem.

Nos pensamentos antigos não podíamos mudar nada, pois não tínhamos nenhum papel na realidade.

Ela já estava lá, feita de objetos que se moviam de acordo com leis.

A matemática determinava como reagiriam em determinada situação.

Nós não tínhamos papel algum.

Na nova visão a matemática nos mostra as possibilidades das reações que os objetos podem ter,

mas não nos dá a experiência real que teremos na consciência.

Eu que escolho tal experiência.

Dessa forma eu crio minha própria realidade. Pode parecer uma afirmação bombástica de alguém meio "New Age" sem nenhum conhecimento de física, mas a física quântica está nos dizendo isto.

Por que você está aqui?

Qual o propósito da vida?

Para onde estou indo?

... O que é a realidade?

- Faz a gente pensar, não é? Se pensamentos fazem isso com a água, imagine o que podem fazer conosco.

Já parou para pensar do que os pensamentos são feitos?

Existe substância nos pensamentos?

Depende do que você considera real.

O mundo sendo possíveis linhas de tempo da realidade.

Até você escolher.

Todas as realidades no campo quântico existem simultaneamente?

Existem literalmente diferentes mundos onde vivemos.

Há o mundo microscópico que vemos, o mundo das nossas células, o mundo dos nossos átomos, o mundo do nosso núcleo cada um possui a sua própria linguagem, sua própria matemática.

E não são apenas pequenos. Cada um é totalmente diferente... Mas se complementam.

Pois eu sou meus átomos, mas também sou minhas células.

A minha fisiologia microscópica é verdadeira, só que com em diferentes níveis.

Os níveis de verdade mais profundos, descobertos pela ciência e filosofia, é a verdade fundamental da unidade.

No nível subnuclear mais profundo da nossa realidade, você e eu somos um só.

Quando acordo, conscientemente crio meu dia do jeito que quero que seja.

Às vezes, como minha mente está examinando as coisas que preciso fazer, demora um pouco até eu chegar ao ponto que interessa, que é a intenção de criar meu dia.

Mas depois que crio meu dia, pequenas coisas acontecem.

E são tão inexplicáveis.

Sei que são os processos ou os resultados da minha criação.

E quanto mais faço isto, uma rede neural no meu cérebro vai se construindo, me fazendo aceitar que aquilo é possível dando-me força e me incentivando a repetir tudo no dia seguinte.

Em um vício, temos uma bela e suprema possibilidade de deciframos a diferença entre nossa intangibilidade, nosso senso de ética, e o que acontece no dia a dia, como nossa química é revelada em um mundo tridimensional, através de nossos corpos... E o que iremos aprender é que o vício é o sentimento de uma enxurrada química que passa pelo corpo através de todo tipo de glândula levada por esse fluído que nos faz sentir o que chamamos de fantasia sexual.

Um homem precisa de apenas uma fantasia sexual para ficar excitado.

Apenas um pensamento para o seu membro ficar ereto.

E nada no mundo exterior fez isso com ele, e sim o que estava dentro da cabeça dele.

- Oi, Amanda! Não sabia que estava aí. Culpado.

- Um casamento? Qual é, Frank?

- É um bom trabalho, se olhar dessa forma.

- Olhar o quê? "Aceito". Tudo fingimento!

- Você vive de passado, tudo gira em torno das coisas que aconteceram!

- Odeia igrejas, odeia casamentos, odeia homens! Quero que vá dar uma olhada.

- Não precisa, eu me casei lá!

- Eu sei, fui eu que tirei as fotos. Você tem muitas memórias encobrindo sua visão.

Amanda, você é a melhor fotógrafa que eu tenho. E eu quero fotos ótimas! Você precisa de um bom casamento polonês. E cuidado com os rapazes.

- Você quer dizer o padre?

- Saia daqui.

- Tchau.

Quando eu era jovem, tinha muitas idéias sobre o que Deus era.

Hoje entendo que não tenho consciência para saber o que esse conceito significa.

Que sou um com o grande ser que me criou e me trouxe pra cá, e que criou as galáxias, o universo, etc.

Não foi difícil a religião se aproveitar disso.

Muitos dos problemas que a religião produziu através dos séculos, vêm da concepção que a religião tem de Deus ser algo distinto de nós, a quem devemos adorar, cultuar, agradecer esperando ser premiado no fim da minha vida.

Deus não é isso, isto é uma blasfêmia.

Deus é uma coisa muito ampla, muito associada à religião.

E a religião assombra o mundo.

Faz mal às mulheres, às pessoas oprimidas, ao World Trade Center...

Ainda assim temos no mesmo ponto uma epidemia de uma grande ciência.

A ciência que mais se aproximou para explicar o ensinamento de Jesus de que uma semente de mostarda era maior que o reino dos céus, e a única ciência que pode se encaixar nesta analogia é a física quântica. Hoje temos uma incrível tecnologia. Ímãs antigravitacionais, campos magnéticos, energia ponto zero...

Mesmo assim ainda temos um conceito retrógrado e supersticioso de Deus.

As pessoas entram na linha quando ameaçadas por essas "sentenças cósmicas", pelo "castigo eterno". Mas Deus não é assim.

E quando você começa a questionar tais retratações de Deus, as pessoas te taxam de agnóstico, um subversivo da ordem social.

Deus é maior do que a maior das fraquezas do ser humano.

E mesmo a maior habilidade humana, Deus precisa transcender a grandiosidade para ser visto em seu absoluto esplendor.

Como um homem ou uma mulher pode pecar contra algo tão supremo?

Como pode uma pequena unidade de carbono, na terra, na Via Láctea, trair Deus todo poderoso?

É impossível.

O tamanho da arrogância é o tamanho do controle daqueles que criam a imagem de Deus de forma errada.

... Quando o cérebro projeta os seus pensamentos é como uma tempestade elétrica.

E as sinapses são como o céu que fica entre a tempestade e a terra.

Você vê as nuvens negras se formando no céu.

E você vê os impulsos elétricos se movendo através de raios e atingindo o chão.

O cérebro se parece com uma tempestade elétrica quando está formando um pensamento coerente.

Ninguém nunca viu o pensamento, mas nós vemos na física neural.

Vemos uma tempestade em diferentes quadrantes do cérebro.

São áreas que correspondem ao corpo ou a reações, uma imagem holográfica, ira, assassinato, ódio, compaixão, amor...

O cérebro não sabe a diferença entre o que vê no ambiente e do que se lembra, pois ele acessa a mesma rede neural.

O cérebro é feito de pequenas células nervosas chamadas neurônios.

Eles possuem ramificações para se conectarem e formarem uma rede neural.

Cada área conectada está integrada a um pensamento ou memória.

O cérebro constrói todos os conceitos através de memórias associativas. Por exemplo: idéias, pensamentos e sentimentos são construídos e interconectados nessa rede neural e todos têm uma possível relação uns com os outros.

O conceito do sentimento amor, por exemplo, está guardado nessa vasta rede neural, mas construímos o conceito do amor a partir de muitas outras idéias diferentes.

Algumas pessoas têm o amor ligado ao desapontamento, então quando pensam em amor, experimentam a memória da dor, mágoa, raiva e até ira.

A raiva pode estar ligada a uma pessoa específica que remete a conexão do amor.

Criamos modelos de como enxergamos o mundo exterior.

Quanto mais informações temos, mais refinamos nosso modelo de um jeito ou de outro.

Na verdade contamos uma história para nós mesmos de como o mundo exterior é.

Qualquer informação que processamos, qualquer informação que absorvemos do ambiente, sempre é colorida pelas experiências que tivemos e por uma resposta emocional acerca do que estamos absorvendo.

Quem está no comando quando controlamos e respondemos as nossas emoções?

Sabemos fisiologicamente que as células nervosas que se ativam juntas ficam conectadas.

Se você praticar algo sempre, essas células terão um relacionamento longo.

Se você sempre ficar com raiva, ou sempre ficar frustrado, ou sempre sofrer e se fizer de vítima, estará reconectando e reintegrando a rede neural constantemente, e essa rede neural terá um longo relacionamento com todas as outras células nervosas chamadas de identidade.

Nós sabemos que as células nervosas que não se ativam juntas, não se conectam mais.

Elas perdem seu longo relacionamento, pois sempre que interrompemos um processo de pensamento que produz uma resposta química no corpo, as células nervosas que estavam ligadas começam a quebrar o seu relacionamento.

Quando começamos essa interrupção e observamos respostas não estimuladas por uma reação automática, mas sim o efeito que essa interrupção produz, deixamos de ser uma pessoa emocional e consciente de seu corpo e sua mente que está respondendo ao seu ambiente como se fosse algo automático.

Isso quer dizer que as emoções são coisas boas ou ruins? Não. Elas são desenhadas para reforçar quimicamente algo em sua memória. É para isso que servem.

Toda emoção é uma impressão holográfica química.

A farmácia mais sofisticada do mundo está aqui.

Existe uma parte do cérebro chamada de hipotálamo que parece uma pequena fábrica. Ele reúne certos materiais químicos que se combinam com certas emoções. Alguns materiais são chamados de peptídeos, pequenas cadeias de aminoácidos. O corpo é uma unidade de carbono que produz cerca de 20 diferentes aminoácidos para formular sua estrutura física.

O corpo é uma máquina de produzir proteínas.

No hipotálamo temos pequenas cadeias de proteínas chamadas peptídeos.

Se as juntarmos com certos neuro-peptídeos e hormônios neurais eles combinarão com os estados emocionais que sentimos diariamente.

Então existem materiais químicos para raiva, para tristeza, para vitimização, para desejo, para todos os estados emocionais pelos quais passamos.

No momento que sentimos um estado emocional em nosso corpo ou em nosso cérebro, o hipotálamo imediatamente combinará o peptídeo e o liberará através da pituitária diretamente na

corrente sanguínea. No momento que atinge a corrente sanguínea, ele acha seu caminho para diferentes partes do corpo.

Todas as células do corpo possuem receptores externos. Uma célula pode ter milhares de receptores. Quando sua superfície é analisada ela se abre para o mundo exterior. Quando um peptídeo atraca em uma célula, é como se uma chave entrasse na fechadura.

Eles se anexam e é como se uma campainha tocasse, enviando um sinal para a célula.

- É hora da festa!

O que acontece quando nos tornamos adultos é que muitos de nós estamos operando emocionalmente desligados de tudo, ou como se estivéssemos revivendo o passado.

... Mas não nos desligamos por completo nem reagimos com exagero emocional pois recorreremos a um momento prévio da sua realidade.

Assim a pessoa não está funcionando como um todo integrado.

Existem bilhões de receptores no exterior da célula. Eles servem apenas para receberem informações. Um receptor que está ligado a um peptídeo muda a célula de várias maneiras. Ele dispara uma cascata de eventos bioquímicos que podem até alterar o núcleo da célula.

... Cada célula está viva, e cada uma tem uma consciência, especialmente se definirmos consciência como sendo o ponto de vista de um observador.

Há sempre a perspectiva da célula.

Na verdade, a célula é a menor unidade de consciência do corpo.

... Minha definição sobre vício é bem simples. É algo que você não consegue parar.

... Criamos situações para suprir as necessidades bioquímicas das células do nosso corpo, situações que satisfaçam nossas necessidades químicas... Um viciado sempre precisará de um pouco mais para poder satisfazer sua necessidade química.

... Como alguém pode afirmar que está apaixonado por tal pessoa? Por exemplo, eles só estão apaixonados pela antecipação das emoções pelas quais são viciados. Pois a mesma pessoa pode não ser mais querida na próxima semana por não ter correspondido.

Isso não muda a nossa forma de ver nossas necessidades e identidades pessoais.

... Se levarmos em conta que cada aspecto de sua digestão, o esfíncter que abre e fecha, os grupos de células que recolhem os nutrientes e vão embora curar ou consertar algo, tudo isso está sob a influência das moléculas da emoção.

É algo constante.

Então você pergunta se as emoções são ruins. Elas não são ruins, são a vida. Coloem a riqueza de nossas experiências.

O problema são nossos vícios.

As pessoas não percebem que quando descobrem que são viciados em emoções.

... Não é algo apenas psicológico, também é bioquímico. Pense... A heroína utiliza os mesmos receptores nas células que nossas emoções usam. É fácil constatar que se nos viciamos em heroína, então podemos nos viciar em qualquer peptídeo neural, em qualquer emoção.

... A busca que fazem está relacionada a acharem uma certa emoção que interesse. Não olhamos nada sem envolvermos o aspecto emocional.

... Nossa mente literalmente cria o nosso corpo... Tudo começa na célula, uma máquina produtora de proteína.

O corpo capta o sinal do cérebro. Os receptores mudam de sensibilidade. Se um determinado receptor de uma determinada droga ou líquido interno estiver sendo bombardeado de uma vez só e com grande intensidade vai literalmente encolher. Vão ficar em menor quantidade ou perderão a sensibilidade, ou ficarão desregulados.

Então a mesma quantidade de droga ou líquido interno provocará uma resposta menor.

Se bombardeamos a célula com a mesma atitude e química repetidamente, quando essa célula resolver se dividir, produzindo uma célula irmã ou filha, a nova célula terá mais receptores para aqueles peptídeos neurais em particular e menos receptores para vitaminas, minerais, nutrientes, e até para a liberação de dejetos e toxinas.

O envelhecimento resulta em uma produção inapropriada de proteínas.

Nossa pele perde elasticidade. O colágeno é uma proteína.

O que acontece com nossas enzimas? Passamos a não digerir muito bem.

E o nosso líquido sinovial? São proteínas, nossos ossos ficam enrijecidos e vão afinando.

O envelhecimento é resultado da produção inapropriada de proteínas.

Então a questão que surge é: realmente importa o que comemos? A nutrição tem algum efeito se as células nem possuem receptores após 20 anos de abuso emocional? Elas recebem ou absorvem os nutrientes necessários para a saúde?

Certo, é hora de uma correção no caminho da nossa aventura.

Devemos ir em direção a um novo paradigma que é apenas uma expansão do anterior.

Nele, o universo é maior do que imaginávamos em nosso modelo e ele é sempre maior do que imaginamos que seja.

- Eu te odeio! Eu te odeio! Sua idiota! Olhe para você? Está gorda! Você não é nada! Está ficando velha! Eu te odeio!

- Faz você pensar, não é? Se pensamentos fazem isso com a água, imagine o que podem fazer conosco?

Ninguém nunca se aproximou de você e lhe deu um conhecimento inteligente o suficiente sobre a sua beleza, sobre como você funciona, de dentro para fora.

Por que você tem vícios? Porque você nunca teve nada melhor? Você nunca sonhou com nada melhor porque nunca te ensinaram a sonhar com algo melhor.

Se eu acho que você é ruim? Eu não te acho nem ruim nem bom.

Eu acho que você é Deus.

Em geral, a psiquiatria não permite muita liberdade de ação das pessoas. Muitos problemas são rotulados como sendo psicológicos. Falam para as pessoas que suas escolhas não são boas e as instruem para que façam outras escolhas.

... Quando falo sobre desaparecermos, não quero dizer fisicamente. Significa saímos da área do cérebro que tem a ver com a personalidade, com nossa associação com as pessoas e lugares, com coisas, tempos e eventos.

Deixar de existir nos centros associativos do cérebro que reafirmam nossa identidade, nossa personalidade.

Pessoas "normais" que acham sua vida entediante ou sem inspiração, são assim pois nunca tentaram ganhar conhecimento que as inspirassem.

Estão tão hipnotizadas pelos seus ambientes, pela mídia, pela televisão, por pessoas que ditam ideais e parâmetros que todos lutam para imitar, mas que ninguém consegue alcançar em termos de aparência física, definições de beleza, valor... que são ilusões pelas quais as pessoas se rendem e vivem mediocrementemente.

Vivendo essa ilusão suas almas podem nunca aparecer para que possam mudar.

Mas se a alma vir à tona a pessoa passa a se perguntar se existe algo, além disso, ou por que estamos aqui, qual é o propósito da vida, para onde iremos, o que acontece quando morremos...

Se começarem a fazer tais perguntas, podem começar a flertar e interagir com a percepção de que estão tendo um colapso nervoso.

Mas na verdade são os seus velhos conceitos que estão começando a desmoronar.

Entramos em um território completamente novo do cérebro.

Como estamos em um novo território, começamos a reconectar o cérebro. Literalmente nos reconectando a um novo conceito, que em última instância nos transforma de dentro para fora. Se eu mudar de idéias mudarei minhas escolhas? Se mudar minhas escolhas minha vida irá mudar? Por que não consigo mudar? Quais são os meus vícios?

O que estarei perdendo e que estou quimicamente apegado? E que pessoas, lugares, tempo e eventos estou tão quimicamente apegado que eu não quero perder, porque poderei estar experienciando uma perda química com isso?

Daí vem o drama humano. Qual é o único planeta habitado na Via Láctea? Que vive subjogado por religiões?

Isso porque as pessoas estabeleceram o que é certo e o que é errado. Se eu fizer isso, serei castigado por Deus. Se fizer aquilo, serei recompensado.

É uma descrição muito pobre que tenta mapear um caminho para seguirmos na vida, mas com resultados deploráveis, pois não existe "bom" ou "mau".

Dessa forma estamos julgando as coisas de forma superficial.

Isso quer dizer que você está liberado para pecar? Não.

Quer dizer que temos que melhorar nosso entendimento com o que estamos lidando.

Sei que tem coisas que faço que me evoluem.

Existem outras coisas que não vão me evoluir.

Mas não existe o "bom" ou o "mau". Deus não vai te punir por ter feito isso ou aquilo.

Não existe um Deus condenando as pessoas.

Todos são Deuses.

Da mesma forma. Deus é um nome para explicar as experiências que temos no mundo que de alguma forma são sublimes e transcendentais.

Não faço idéia do que Deus seja.

Mas eu tenho uma experiência de que ele é. Essa presença é muito real.

Só não sei como definir Deus. Se é uma pessoa, ou coisa...

Eu não sei.

Pedir para um ser humano explicar o que é Deus é o mesmo que pedir para o peixe explicar a água em que nada.

Deus é a superposição dos espíritos de todas as coisas.

Somos Deuses que estão construindo e temos que seguir um caminho, mas um dia teremos que amar o abstrato da mesma forma que amamos nossos vícios.

A única forma de estar bem consigo mesmo não é cuidando do corpo, mas sim da mente.

Se estou consciente desenhando meu destino, se do ponto de vista espiritual estou conscientemente aceitando a idéia de que nossos pensamentos podem afetar nossa realidade e assim nossa vida, pois a realidade é igual a vida, então eu faço um pequeno pacto quando crio meu dia.

Eu digo: "estou tirando esse tempo para criar meu dia, e assim estou afetando o campo quântico".

Se existem mesmo observadores me vigiando o tempo todo e se existe um aspecto espiritual em mim, então me mostrem um sinal de que prestaram atenção nas coisas que criei e façam com que aconteçam de um jeito que eu não espero. Que eu fique surpreso com minha habilidade de sentir essas coisas e que eu não tenha dúvidas que venha de vocês.

O cérebro é capaz de fazer milhões de coisas diferentes.

As pessoas deviam aprender como suas mentes são incríveis.

Ter o conhecimento de que possuem essa coisa inacreditável na cabeça que nos ajuda a aprender, a mudar, a se adaptar, que pode nos ajudar a sermos melhores, nos ajudar a transcender.

O cérebro pode nos levar para um nível mais alto de existência, onde poderemos entender o mundo de forma mais profunda, assim como nosso relacionar as coisas e com as pessoas.

Assim poderemos achar um maior significado para nós mesmos.

Existe uma parte espiritual no cérebro que todos podem acessar, é algo que todos podem fazer.

Temos que formular o que queremos e nos concentrar tanto nisso, temos que nos focar e ter tanta consciência disso, que perdemos a noção de quem somos.

Perdemos a noção do tempo.

Perdemos a noção de identidade.

No momento que estamos totalmente envolvidos nessa experiência, perdemos a noção de quem somos. Perdemos a noção do tempo. Aquilo que estamos vendo é a única coisa real. Todos já tiveram essa experiência quando puseram na cabeça que queriam muito algo.

Isso é a física quântica em ação, é a manifestação da realidade.

É o observador em pleno efeito.

Sua consciência influencia outros ao seu redor, influencia propriedades materiais e influencia o seu futuro.

Você é um co-criador do seu futuro.

- Me mostrem um sinal de que prestaram atenção nas coisas que criei e façam com que aconteçam de um jeito que eu não espero. Que eu fique surpreso com minha habilidade de sentir essas coisas e que eu não tenha dúvidas que venha de vocês.

Você já se viu através dos olhos de outra pessoa que você tenha se tornado?

Seria um ótimo começo.

Já parou por um momento e se olhou através dos olhos de um observador?

Eu sou muito mais do que penso.

E posso ser muito mais do que isso.

Posso influenciar meu ambiente, as pessoas, o próprio espaço, passam a influenciar o futuro.

Sou responsável por todas essas coisas.

Não estou separado do que me cerca.

Somos parte de um todo.

E estamos conectados a tudo.

Eu não estou sozinho.

Sabendo dessa interconectividade do universo, que estamos todos interconectados e conectados ao universo, acredito que não haja melhor explicação para a espiritualidade.

Acredito que nosso propósito aqui seja desenvolvermos nossas intenções e aprendermos a ser criadores efetivos.

Estamos aqui para sermos criadores.

Estamos aqui para infiltrar o espaço com idéias e pensamentos.

Estamos aqui para fazer algo da vida.

Reconhecer o ser quântico e o fato de que temos escolhas, reconhecer a mente. Quando mudarmos a forma de vermos as coisas, estaremos iluminados.

A mecânica quântica permite que o intangível fenômeno da liberdade seja incorporado a natureza humana.

A física quântica, falando de uma maneira bem simples, é uma física de possibilidades. Abre fundamentalmente as perguntas "de quem são as possibilidades?" E "quem escolhe dentre tais possibilidades para nos dar o evento atual que estamos experimentando?"

A única resposta satisfatória lógica e significativa, é que a consciência é a base de todos os seres.

Temos que perseguir o conhecimento.

Sem a interferência dos nossos vícios.

Se conseguirmos, manifestaremos o conhecimento na realidade e o nosso corpo sentirá novas possibilidades, novas químicas, novo holograma... Uma imensidão de novos pensamentos.

Além dos nossos sonhos mais incríveis.

Todos nós um dia alcançaremos o nível dos avatares que lemos a respeito na história.

Buda, Jesus...

Bem-vindo ao reino dos céus.

Sem julgamento, sem ódio, sem provas, sem nada.

Que somos nós que criamos o que chamamos de realidade à partir do poder da intangibilidade.

Fazendo as coisas mais incríveis no caos, as mantendo do jeito que são e as chamando de matéria.

Como podemos medir os efeitos?

Temos que viver nossa vida e ver os efeitos, reparar se algo mudou.

E se algo tiver mudado, nos tornamos os cientistas da nossa vida.

Que é a razão de estarmos aqui.

Não tome as coisas como verdades absolutas.

Teste para saber se é verdade.

- Hei, você voltou.

- Voltei!

- Você não respondeu minha pergunta.

- Que pergunta?

- Quão fundo você quer entrar... Na toca do coelho?

Refleta um pouco sobre isto.

Meu nome é David Albert.

Sou PHD em física teórica. Formei-me em bioquímica, e depois fui para a escola quiroprática na Life University, em Atlanta, Georgia. Fiz pós-graduação em anatomia e fisiologia, neuro-química, neuro-fisiologia e genética. Estudei física quântica e escrevi vários livros sobre física quântica. Depois do meu PHD em Harvard, fui para um laboratório europeu de estudos de partículas e depois trabalhei com a unificação de campos quânticos na faculdade de Stanford.

Tenho centenas de publicações nessa área, mas a mais conhecida foi sobre a descoberta da super-simetria que gerou a teoria da grande unificação.

- Eu ganhei a vida como anestesista e sempre que colocava meus pacientes para dormir eu imaginava para onde iam e por que estavam lá. Foi o que me atraiu para o estudo da anestesia e da consciência.

Meu nome é Miceal Ledwith. Na maior parte da vida fui professor de teologia.

Sou o Dr. Daniel Monti.

Sou físico com treinamento em psiquiatria e comportamento humano.

Trabalho na Universidade Médica Jefferson.

Comecei a estudar sobre o cérebro e espiritualidade porque tinha a ver com as perguntas que eu tinha quando era criança sobre a realidade, como entendemos a verdade, o que era real...

Depois que cresci e vi que a espiritualidade era fundamental para respondermos tais questões, assim como a ciência, comecei a tentar juntar essas duas forças.

Meu nome é Candace Pert.

Sou professora na

Universidade Georgetown de Medicina.

Estamos aqui filmando grandes pensadores.

Todos nessa sala são grandes pensadores.

Agora, saber o que estão pensando é que é complicado.

Eu ainda estou estudando física, ainda não sou um físico formado.

Mas se eu tiver sorte, continuar trabalhando e me formar, o que quero fazer é aplicar a teoria quântica no processamento de informações quânticas.

Eu abandonei todos os meus compromissos profissionais, para ter tempo de realizar meus trabalhos.

Claro que abandonei cargos importantes, mas é preciso sacrificar algo.

Tive que manter um emprego.

Minha família precisa ser alimentada.

Vocês devem estar se perguntando como a ciência pode parecer tão louca como eu.

Se você estudar a ciência

por bastante tempo, com seriedade e mergulhar profundamente, e no final não se sentir meio louco, é porque não entendeu nada!